

Creio em
Deus
Pai

Meditação sobre o
amor paterno de Deus

2017

Creio em
Deus
Dai

Meditação sobre o
amor paterno de Deus

2017



INTRODUÇÃO

1. “Creio em Deus Pai”. Assim murmuram os nossos lábios, movidos pela experiência interior do coração aquecido pela paternidade amorosa de Deus. Crer em Deus Pai é uma profissão da fé cristã e católica, formulada, conservada com integridade e transmitida de geração em geração, ao longo dos séculos. Crer em Deus Pai, para mim e para você, que vivemos no século XXI, é experimentar a atualidade dessa graça da paternidade de Deus e confessar em nosso tempo a profundidade do amor filial, confiado, amparado e protegido pelo Pai.

2. A casa do Pai. Esse é um lugar que não nos deixa ficar perdidos nesse mundo. Podemos viajar por muitos caminhos, conhecer muitas pessoas e muitos lugares, conquistar muitos méritos, fazer travessias escuras e confusas, perder de vista a direção e os roteiros. Tudo poderá acontecer nas águas do mar da vida. Entretanto, nunca nos sentiremos perdidos – como pessoa, família, comunidade, Igreja, país e humanidade – se mantivermos, no íntimo de nossos corações e no horizonte do imaginário cultural de nossa civilização, a referência da casa do Pai. Temos, então, para onde ir, mesmo quando distantes, perdidos, confusos ou ameaçados pelo fim do imponderável na vida.

3. O amor paterno de Deus e a casa do Pai. É sobre isso que desejo refletir e compartilhar com você, com a sua família, com a sua comunidade e com a nossa Igreja. No dia 18 de novembro de 2006, o Santuário do Divino Pai Eterno, dedicado à Santíssima Trindade, recebeu do Santo Padre o Papa Bento XVI o título de Basílica. Este Santuário-Basílica está situado na cidade de Trindade, a 20 quilômetros de Goiânia, a capital de Goiás. O acontecimento da elevação pontifícia como Basílica, ocorrido há tantos anos, leva-me ainda hoje a refletir e a meditar sobre a graça de Deus para com o seu povo, sobre o sentido dos santuários e das romarias para a tradição da fé cristã e para a evangelização, e sobre a história e a cultura da região Centro-Oeste brasileira, com a sua identidade, os seus protagonismos, a sua beleza e, principalmente, as suas esperanças e a sua fé.

4. Conta a história que, em 1840, em Goiás, no lugar onde hoje é o atual município de Trindade, o casal Constantino Xavier e Ana Rosa de Oliveira, roçando o pasto, encontrou

um medalhão de barro de meio palmo de circunferência, no qual estava representada a imagem da Trindade coroando a Virgem Maria. Desse acontecimento originário começou uma longa história de oração e de fé no coração geográfico do Brasil. Junto ao casal se reuniram os vizinhos para rezar o terço; foi construída uma simples capelinha coberta com folhas de buriti, sucessivamente substituída por outra maior e, mais adiante, por uma igreja com torres laterais. Em 1912, pela iniciativa dos padres redentoristas, iniciou-se a construção do “Santuário Velho”. Passaram-se décadas e a romaria a Trindade cresceu imensamente. Então, em 1957, foi apresentado o projeto do atual templo; essa nova construção foi incentivada pelos bispos que se sucederam na Arquidiocese de Goiânia, dirigida pelos Padres Redentoristas e, principalmente, construída com o amor e com os recursos doados por cada devoto, até que esse atual santuário, em 2006, recebeu o título pontifício de Basílica. Sob esse novo impulso histórico e considerando a necessidade de bem acolher aos milhões de romeiros, do Brasil e do mundo, com a contribuição dos “filhos do Pai Eterno” de todo o país, foi dado início em 2012 à construção de um novo templo-basílica, num terreno bem mais amplo e com uma maior edificação.

Contemplar o mistério central da fé cristã

5. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aqui reside o centro de nossa fé e o mistério mais profundo de nossa adoração. À Santíssima Trindade a honra, a glória e o poder para sempre. Todos os sacramentos tem sua plena eficácia porque realizados em nome da Trindade. É na Trindade Santa que subsiste a Igreja. Temos, no coração do Brasil, a graça de dedicar um Santuário Basílica não a um santo de nossa devoção, mas a Deus mesmo! Não há, pois, santidade possível que não tenha origem e destinação, começo e fim no Deus único e verdadeiro, a Santíssima Trindade. Quando da instalação da Basílica, na cidade de Trindade, meditei e compartilhei sobre o significado dessa especial dignidade, que é, entretanto, também uma responsabilidade a ser assumida por todos para que a devoção ao Divino Pai Eterno se torne “uma experiência pessoal de contemplação sobre o mistério da Santíssima Trindade”.

O convite era dirigido – e o renovo a você, a sua família, a sua comunidade e paróquia -, para refletir, aprofundar, meditar e crescer na mística da comunhão trinitária - a relação entre o Pai Eterno, o Filho Jesus e o Divino Espírito Santo, e a Sua presença em nossas vidas.

6. Na mística da oração contemplativa, no ano de 1840 aquele casal abençoado e aquele pequenino grupo, que se reunia para rezar o terço em volta de uma simples medalha, que continha a representação da Santíssima Trindade, foi semente que floresceu nas romarias dos milhares de peregrinos que, quase dois séculos depois, todos os dias, especialmente os sábados e domingos, chegam ao Santuário. Aquela singela e genuína oração também foi como que uma semente que fez crescer a multidão incalculável que, nos dias da festa, em junho-julho, presta adoração e homenagem ao Divino Pai Eterno. A oração silenciosa e o grito por socorro - “Divino Pai Eterno, protegi-me!” - se elevam constantemente, na Basílica e em muitas regiões do Brasil, pelo sentimento de filiação que sempre mais se irradia de Trindade.

Ao encontro do Pai Eterno

7. A romaria se tornou uma tradição que enriquece espiritualmente a manifestação religiosa do povo goiano e brasileiro. Ser romeiro, fazer a peregrinação é caminhar para um encontro com o Divino Pai. A romaria é espelho, também, da vida: nelas, na romaria e na vida, há uma necessidade constante de transcendência, um remeter-se permanente na direção ao Pai. Romaria não é simples viagem, não é turismo, assim como a vida não é simples transcorrer de dias. Enquanto vivemos, somos romeiros a caminho de um encontro definitivo com Deus, na casa do Pai. Atendemos a um chamado para que a vida adquira sempre mais sentido. É o que a fé nos proporciona.



CAPÍTULO I

Adoração ao Pai Eterno
na piedade popular



8. Todos os anos, desde que aqui cheguei em 2002, sempre que a saúde me permite, também me torno um peregrino, percorrendo a pé o caminho dos romeiros, misturado à multidão que ruma à Trindade. Mas tenho feito a romaria também fora da festa com pequenos grupos. Depois de algumas horas de caminhada, quando os passos se tornam ainda mais cansados para a minha idade, o silêncio interior se aprofunda! É especialmente nessas ocasiões que sou surpreendido por aquela intrigante constatação que muitos já experimentaram: aquilo que podia ser um simples achado piedoso de uma medalha, tornou-se um grandioso fenômeno espiritual que transformou o pequeno e desconhecido arraial chamado Barro Preto, hoje cidade de Trindade, na “capital da fé” de Goiás, ponto de convergência para milhões de romeiros, vindos de todos os lugares e direções no país, buscando o encontro na casa de Deus Pai. Como interpretar e compreender isso?

Piedade popular, tesouro eclesial

9. Assim como olho para Deus, meu ministério também remete meu olhar ao povo que Deus Pai me confiou, pelo mandato de seu Filho Jesus, na força consoladora do Espírito Santo. Sinto-me feliz no meio desse povo. Saúdam-me, sorriem e abraçam! Conheço esse povo de Deus e ele me conhece. Na romaria arquidiocesana à Trindade, nem sempre consigo manter a dianteira da caminhada. Vou ficando para o meio e, mesmo apressando o passo, também permaneço atrás. Junto e misturado ao povo, ora estou na frente para chamar, convocar, conclamar, insistir e orientar; ora basta que esteja junto, ainda que no final, porque as comunidades conscientes e bem formadas sabem caminhar com determinação nos complexos caminhos desse mundo, rumo ao Pai. Nesse meu querido povo mora o tesouro da fé, expressado com piedade e com simplicidade. Essa fé inquebrantável do povo goiano e brasileiro - transmitida de geração em geração, ao longo dos séculos, e conduzida pelos intrépidos missionários -, é um precioso dom para toda a Igreja. O papa Francisco publicou, em novembro de 2013, uma “Exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual”. Essa Exortação do papa é conhecida pelas suas primeiras palavras: “*Evangelii Gaudium*”, a alegria do Evangelho. Nela, Francisco cita o papa Paulo VI, que dizia que a piedade popular, essa fé genuína vivida e testemunhada na alma do povo, “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar”. São lembradas também palavras de Bento XVI, afirmando que a piedade popular é “um precioso tesouro da Igreja Católica e nela aparece a alma dos povos latino-americanos” (n. 123).

10. O papa Francisco cita o *Documento de Aparecida*, onde “descrevem-se as riquezas que o Espírito Santo explicita na piedade popular por sua iniciativa gratuita. Naquele amado Continente [a América Latina], onde uma multidão imensa de cristãos exprime a sua fé através da piedade popular, os Bispos chamam-na também ‘espiritualidade popular’ ou ‘mística popular’. Trata-se de uma verdadeira “espiritualidade encarnada na cultura dos simples”. Não é vazia de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental e, no ato de fé, acentua mais o crer em Deus que o crer que Deus. É ‘uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários’; comporta a graça da missionariedade, do sair de si e do peregrinar: ‘O caminhar juntos para os santuários e o participar em outras manifestações da piedade popular, levando também os filhos ou convidando a outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador’. Não limitemos nem pretendamos controlar esta força missionária!” (n. 124).

Piedade popular e nova evangelização

11. Na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, o papa Francisco nos dá uma aula do que precisamos entender e, sobretudo, aprender no contato da fé simples e testemunhada no povo. “As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar na nova evangelização” (n. 126). E o papa explica: “Cada povo é criador da sua cultura e o protagonista da sua história [...]. Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. Pode dizer-se que “o povo se evangeliza continuamente a si mesmo”. Aqui ganha importância a piedade popular, verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo” (n. 122).

O Bom Pastor compreende com amor

12. Para compreender a necessidade do povo em

manifestar sua piedade “é preciso abordá-la com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar. Só a partir da conaturalidade afetiva que dá o amor é que podemos apreciar a vida teologal presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres. Penso na fé firme das mães ao pé da cama do filho doente, que se agarram a um terço ainda que não saibam elencar os artigos do Credo; ou na carga imensa de esperança contida numa vela que se acende, numa casa humilde, para pedir ajuda a Maria, ou nos olhares de profundo amor a Cristo crucificado. Quem ama o povo fiel de Deus, não pode ver estas ações unicamente como uma busca natural da divindade; são a manifestação duma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo, que foi derramado em nossos corações (cf. *Rm* 5, 5)” (n. 125).

O “sim” que nasce do amor

13. A acolhida e o respeito às manifestações populares da fé cristã, todavia, devem evitar o risco da superficialidade e do populismo, que diminuam a pureza da mensagem. Por isso, um questionamento: temos de aceitar tudo o que parece popular? “Em todo o caso, não poderemos jamais tornar os ensinamentos da Igreja uma realidade facilmente compreensível e felizmente apreciada por todos; a fé conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira firmeza à sua adesão. Há coisas que se compreendem e apreciam só a partir desta adesão que é irmã do amor, para além da clareza com que se possam compreender as razões e os argumentos. Por isso, é preciso recordar-se de que cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho” (n. 42) (grifo nosso).

14. Infelizmente, há os que instrumentalizam a piedade popular para fins próprios: “Certo é também que, às vezes, se dá maior realce a formas exteriores das tradições de grupos concretos ou a supostas revelações privadas, que se absolutizam, do que ao impulso da piedade cristã. Há certo cristianismo feito de devoções – próprio duma vivência individual e sentimental da fé – que, na realidade, não corresponde a uma autêntica ‘piedade popular’. Alguns promovem estas expressões sem se preocupar com a promoção social e a formação dos fiéis, fazendo-o nalguns casos para obter benefícios econômicos ou algum poder sobre os outros” (n. 70).

Catequese, crescimento cristão

15. Chegando ao principal, devemos lembrar que “o

mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: “*ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado*” (*Mt* 28, 20). Daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas que possa dizer com plena verdade: ‘Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’” (*Gl* 2, 20) (160).

16. Ao falar de formação e amadurecimento da fé cristã, devemos entender, em primeiro lugar, que a base de tudo é cumprir com o mandamento que é resposta ao amor que Deus tem para conosco e nos identifica como discípulos: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (*Jo* 15, 12). «Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. (...) É no amor que está o pleno cumprimento da lei» (*Rm* 13, 8.10).

O primeiro anúncio

17. O apelo ao crescimento na fé não pode ser interpretado exclusiva ou prioritariamente como formação doutrinal. Mas a educação e a catequese estão ao serviço deste crescimento, que é acolhimento do amor de Deus Pai por sermos filhos adotivos. Ter consciência disso é papel da “catequese”. Nela, “tem um papel fundamental o primeiro anúncio, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. **O primeiro anúncio é trinitário** (grifo nosso). É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar»” (n. 164).

18. A fé e a espiritualidade do povo, portanto, proporciona um sentido válido e genuíno para a vida, um sentido que nasce do encontro pessoal com Deus. Nem tanto a partir do que a inteligência e razão conseguem descobrir, mas daquilo que Ele mesmo revelou. Na criação e, mais diretamente, no que a sua Palavra – o Verbo, o Filho de Deus – nos revelou.

A large, diverse crowd of people is shown from a high angle, with many individuals raising their hands in a gesture of praise or prayer. The scene is brightly lit, suggesting an outdoor setting. The crowd is dense, and the focus is on the collective action of raising hands. A semi-transparent red banner is overlaid on the left side of the image, containing the chapter title in white text.

CAPÍTULO II
Somos todos romeiros
à casa do Pai

19. Para os que chegam caminhando até o santuário basílica de Trindade é indescritível o sentimento de alegria e de paz. Alguns chegam com os antigos carros de boi ou a cavalo, remontando aos primórdios da romaria de Trindade. Famílias inteiras chegam com seus filhos, alguns ao colo. Nas pernas o cansaço e os pés que doem. Pelo caminho, a convivência, a reza do terço, a vela acendida, a manifestação da piedade e da espiritualidade popular. Enfim, na casa do Pai, cheios de gratidão e amor, o ápice do encontro com a Eucaristia. Nela celebramos a memória da páscoa de Cristo e a doce esperança de nossa futura páscoa definitiva, junto do Pai. Também desperta em mim uma lembrança pessoal, cheia de saudades e de emoção: minha catequese quando criança e o dia de minha primeira eucaristia. Foi um dos dias mais belos de minha vida!

20. “A vós, Deus Pai Todo Poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”. Essa é a conhecida invocação que, na missa, encerra a oração eucarística antes da comunhão. Estas conhecidas palavras, com as quais na missa a Igreja presta a grande ação de graças, constituem o objetivo da festa anual do Divino Pai Eterno. A Igreja eleva, no santuário-Basílica do Divino Pai Eterno, um grande ato de louvor ao Pai e ao seu amor misericordioso, fim último da história humana. A Romaria do Pai Eterno vem para incentivar o diálogo com Deus, aquele diálogo que, em nossas orações, entretemos com Ele em diferentes momentos e lugares do nosso dia a dia.

21. A Romaria ao Santuário se constitui em um momento e um lugar privilegiado que incentivam e aprofundam esse diálogo cotidiano com o Divino Pai Eterno. Na volta para nossas casas, é lá o santuário do encontro. Por isso, nos ensina o papa Francisco: “A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” (*Amoris Laetitia*, n.1). “A Igreja é a família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim, ‘em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se para todos os efeitos um bem para a Igreja. Nessa perspectiva, para o hoje da Igreja, será certamente um dom precioso ter em consideração também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja” (n. 87).

22. O fim último de toda a família humana e da vida de cada um de nós é encontrar o Pai e agradecer a Ele, à

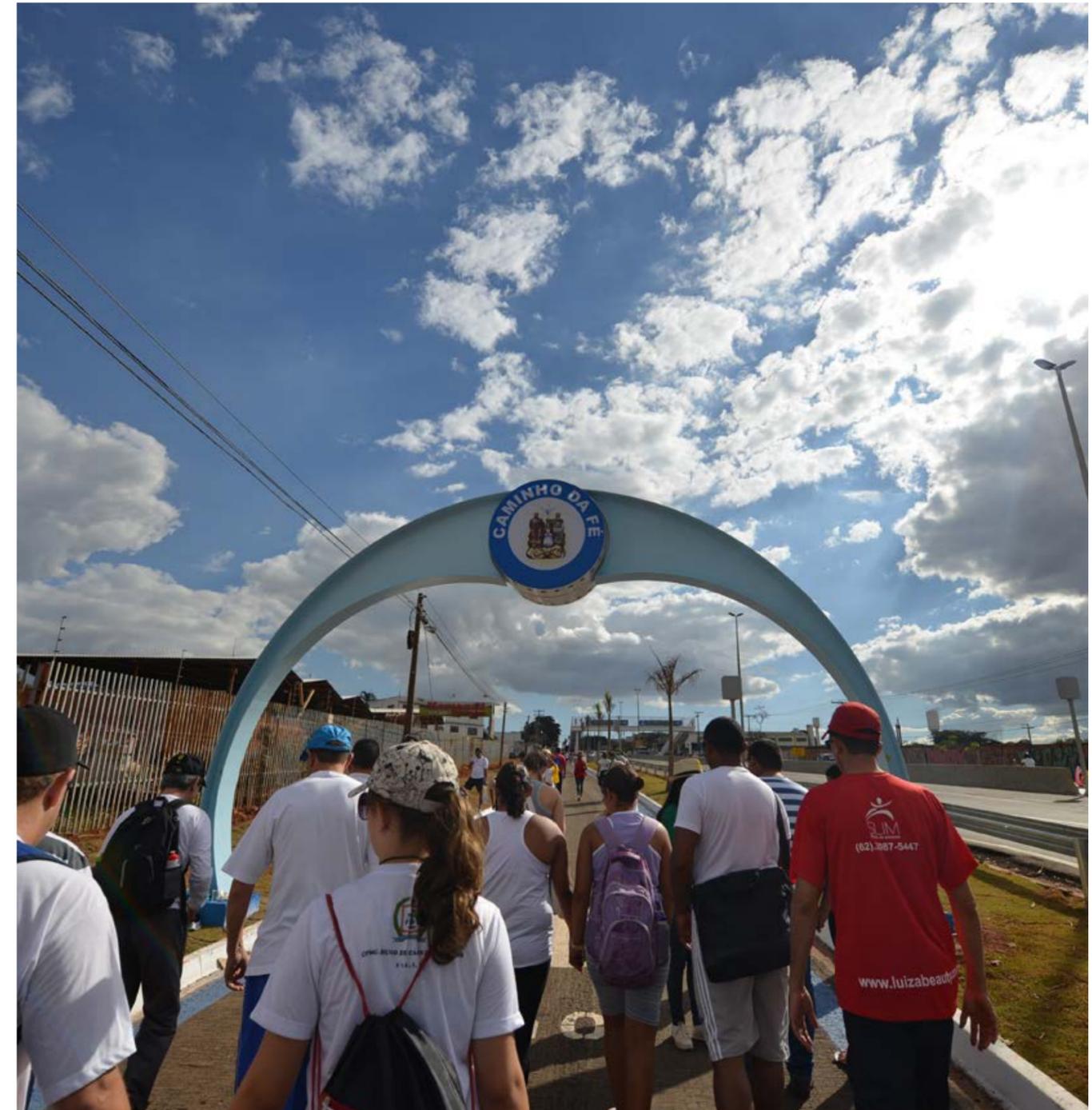
imitação de Cristo que na sua existência terrena sempre fez o que agrada ao Pai (cf. Jo 8,29). E em vista disto que a Igreja promove um grande movimento de conversão e de peregrinação de todo o povo de Deus e da humanidade para a o Pai, trilhando as pegadas de Cristo, seu Filho predileto, sob a guia incessante do Espírito Santo. O seguimento a Cristo, na realidade, tem uma meta bem precisa: conduzir a humanidade ao coração do Pai, pelo dom do Espírito Santo.

Minha carta-convite

22. Gostaria que esta Carta Pastoral fosse o convite de um pai, de um irmão maior, do bispo de Goiânia que caminha junto com vocês rumo à casa do Pai, um convite a fim de que abramos o coração para termos um entendimento mais profundo sobre a nossa romaria à Trindade. Repare: “*à*” com acento grave, sinal de crase. A romaria a Trindade, a cidade sede do santuário-basílica, deve ser um encontro com a Santíssima Trindade para mergulharmos nesse mistério de amor. E voltarmos para casa reconfortados, alegres, firmes na fé que dá sentido e sustenta a vida. A experiência do amor do Divino Pai se tornará incentivo para abrir o nosso coração a tantos irmãos que necessitam de companheiros na romaria que é a vida. E, muitas vezes, necessitam de um bom Samaritano que cuide das suas feridas.

Crescer no entendimento, experimentar o amor do Pai

23. A reflexão que proponho a você nesta Carta Pastoral não é uma justificativa racional ou filosófica da fé que nos move a iniciar a romaria a Trindade, a rezar no santuário-basílica e voltar para casa confiantes na proteção do céu. “O coração tem razões que a própria razão desconhece” é a célebre frase de Pascal, o mesmo que, como já dissemos, afirmou: “Deus é uma questão do coração”. É sobre isso que fundamentamos a Carta Pastoral, palavras que são simples eco das que fundamentam nossa visão de Deus: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo, 4, 8). Por isso, é de amor que desejo lhe falar, do amor de todos os amores. Nossa experiência de fé não quer ser apenas a compreensão de uma ideia de Deus Pai, mas de uma vivência amorosa com o Pai, com a obra de sua criação e com toda a família humana.



24. A autêntica experiência do amor com o Pai nos leva à comunhão universal. Sobre isso, disse a mim e a você o papa Francisco: “As criaturas deste mundo não podem ser consideradas um bem sem dono: ‘Todas são tuas, ó Senhor, que amas a vida’ (Sb 11,26). Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde. Quero lembrar [nos diz o papa Francisco] que ‘Deus nos uniu tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação’ (Laudato Si’, n. 89).

25. À luz das palavras do papa Francisco, a Campanha da Fraternidade de 2017, promovida pela Igreja no Brasil, é um especial apelo dirigido aos filhos do Pai Eterno. Os biomas brasileiros – a Amazônia, a caatinga, o cerrado, a mata atlântica, o pantanal e os pampas – foram criados pelas mãos de Deus Pai. Ao invés de cuidar e de guardar essa criação, estamos envenenando as terras, secando as nascentes de água, poluindo o ar, os rios e o mar, destruindo as florestas, matando os animais, extinguindo a vida. O mais sagrado santuário do Pai Eterno é a obra de sua criação e a vida em abundância na terra. Porque amamos o Pai, também cuidamos da vida que Ele criou e de nossa casa comum, o planeta terra!

O Hino da pérola: “Lembra-te de voltar para casa!”

26. No apócrifo *Atos de Tomé* encontramos um hino, chamado “Hino da pérola”, que remonta aos tempos, ou mesmo antes, do Novo Testamento. Esse texto fala de um jovem que havia sido enviado ao oriente, no Egito, pelo seu idoso pai, a fim de recuperar uma pérola preciosa, guardada por uma malvada serpente. O jovem empreende com a maior boa vontade a longa viagem, munido de todas as credenciais do pai. Entretanto, quando chegou ao lugar, se deixou enganar: comeu os alimentos dos egípcios e caiu em um profundo sono, esquecendo quem era e para que havia chegado ali. Preocupado com o atraso, o pai lhe enviou uma mensagem sob a forma de uma carta que voava, semelhante a uma águia. Quando chegou junto ao jovem, a carta se transformou em voz que gritava: “Surge e desperta do sono! Lembra-te que és filho do rei! Lembra-te da pérola!” O jovem despertou, pegou a carta, a beijou

e a abriu. Reconheceu, então, que aquilo que a voz dizia correspondia ao que ele tinha no coração. Lutou com a serpente, invocando sobre ela o nome do pai, recuperou a pérola e iniciou o seu caminho de volta.

27. O hino da pérola parece uma parábola para nós. Nós viemos do Pai e a ele devemos voltar. Mas acontece que com frequência nos aclimatamos de tal forma nesse mundo que esquecemos quem somos e para onde vamos. Essa Carta Pastoral, portanto, deseja realizar a mesma tarefa que há no Hino da pérola, a carta do pai ao filho com aquele grito que a resume toda: “Lembra-te! Lembra-te de quem és filho, lembra-te que tens um pai que espera a tua volta, lembra-te da pérola que é a tua alma e a alma de cada irmão. Como o filho mais jovem (Lc 15,13) do pai misericordioso, há muitos cristãos batizados que se afastaram da vontade e da casa do Pai, para dedicar-se como o filho pródigo a uma vida de pecado. O Pai celeste, sempre misericordioso, está à sua espera, sobretudo no tempo da festa do Pai Eterno, tempo especial de misericórdia e de perdão. Como disse, a vida é uma peregrinação, uma romaria. É preciso tomar uma decisão: “Levantar-me-ei, vou voltar para o meu pai” (Lc 15, 18). Para ajudar os demais irmãos de caminhada, é preciso que os filhos do Pai Eterno sejamos os primeiros a levantar-nos e caminharmos para a casa do Pai, voltando sempre de novo a nos fazendo peregrinos.

28. A proposta básica desta Carta Pastoral, também, é aumentar o nosso entendimento interior para experimentarmos profundamente o amor de Deus Pai. Só se pode amar quem realmente se conhece. Portanto, é importante conhecer o Divino Pai que é nosso companheiro na caminhada da vida e que nos acolhe sempre na sua casa, como acolheu o filho pródigo. O conhecimento pelo coração é fundamental. É o conhecimento pelo amor, profundo, que nos leva a “querer saber” sempre mais a respeito da pessoa amada. A romaria a Trindade é o momento do reencontro e renovação de nosso amor de filhos para com o Pai, que nunca deixou de nos amar. O conhecimento, então, torna-se contemplação.

Abrir os olhos: a tristeza se torna alegria

29. Sabemos reconhecer que Deus anda conosco? No Evangelho de Lucas (24, 13-35) encontramos a descrição do que acontece quando Jesus anda conosco e nos ensina a reconhecer o amor de Deus. “Dois discípulos

iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e começou a andar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram”. Mas, ao sentar-se à mesa com os dois, “tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso, os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles”.

30. Refletindo sobre os sentimentos que experimentavam ao longo da caminhada com o peregrino desconhecido, os discípulos perceberam que algo maravilhoso estava acontecendo: “Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”. Por isso, na mesma hora se levantaram e voltaram para Jerusalém onde encontram os demais discípulos reunidos e contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus. É isso que acontecerá conosco ao voltarmos para nossas casas depois da romaria a Trindade e à Santíssima Trindade: anunciaremos o milagre que é a vida e seremos testemunhas da ressurreição que acontece a todo o momento. É a nossa esperança, que não pode morrer. É a nossa fé.





CAPÍTULO III

Eterno Pai Onipotente

31. Ao falarmos de Deus Pai, não contentamo-nos em lhe apresentar a nossa “devoção”, um sentimento, uma manifestação religiosa de nossa proximidade para com alguém que está acima de nós. A Deus, nós devemos “adoração”, uma entrega total porque reconhecemos n’Ele o princípio e o fim de nossa existência. Um Deus, entretanto, que “fez questão” de se apresentar como Pai, o Eterno Pai Onipotente que, em seu amor, não esquece os filhos. Por isso a adoração não exige as manifestações heroicas de súditos que enaltecem o soberano; o carinho dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais exige “somente” o amor.

O Povo de Deus

32. Ao se falar acerca de Deus, devemos lembrar que aplicamos sempre palavras humanas que expressam a experiência do que vivemos ou do nosso passado. Há os que insistem em apresentar um deus irascível, vingador e justiceiro; os deuses dos gregos representavam, num plano superior – os deuses habitavam no Monte Olimpo e eram imortais – a vida humana com seus vícios e poucas virtudes.

33. A Bíblia, quando narra sobre a formação do povo hebreu, apresenta a experiência de um pequeno povo que, escravizado, encontrou a força para sair da escravidão, que emigrou para uma terra que “Deus tinha prometido a seus pais”. Trata-se de um povo que teve de lutar contra inimigos poderosos para se apoderar da região e, finalmente, estabelecer-se em “sua” terra. Qual foi a força que sustentou um pequeno povo pobre e fraco para que, enfim, adquirisse sua identidade?

34. A força daquele pequeno povo foi Javé, o Deus dos hebreus, que adquiriram a identidade de “povo de Javé”, em contraposição aos outros povos que se colocavam debaixo da proteção de outros deuses. “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacó. Eu vi muito bem a miséria do meu povo... conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo... e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra

onde corre leite e mel” (Ex3, 6-8). Onde encontramos um deus que se apieda e comove tão profundamente diante do sofrimento do “seu” povo; um deus que toma a iniciativa e sua ação, antes de ser instigada por sacrifícios e ofertas, tem como motivação “a condição dos filhos de Israel que levou em consideração”? (Ex 2, 25).

35. Ao longo de sua história, o povo hebreu foi crescendo em consciência e compreendendo que a “braveza” de Deus, os castigos a que Ele submetia o povo quando desgarrava, era sintoma de um “ciúme” que, aos poucos, foi sendo percebido como sinal de um amor que não fazia concessões e não admitia traições. Esse amor de um deus “terrível” – *Javé sabaoth*, deus dos exércitos - que, no início, incentiva a avançar contra os inimigos com ímpeto destruidor, é visto como o cuidado de um pai e de uma mãe que estimulam os filhos, mas que, quando preciso, sabem impor a correção que indica o caminho certo.

Fidelidade de Deus Pai

36. Apesar das traições do povo, Deus é fiel ao amor que lhe dedica. A história do povo hebreu pode ser resumida na parábola do Filho Pródigo que Jesus contará aos seus ouvintes para lhes apresentar uma ideia bem compreensível do que é o amor de Deus, do Deus-Pai que sempre fica na espera da volta do povo que se afastou da aliança estabelecida. No fundo, havia esta certeza na fidelidade do amor de Deus: “Meu pai e minha mãe me abandonaram. Javé, porém, me acolhe” (Sl 27, 10).

37. A percepção desse amor de Deus foi sendo purificada e aprofundada pelo povo de Israel. Deus foi o Pai que protegeu seus filhos diante dos inimigos, que incentivou a prosseguir rumo à Terra Prometida, a superar os obstáculos que se apresentavam, a vencer as dificuldades de sobrevivência no deserto. Por quê? Gratuidade e fidelidade: “Se Javé se afeiçoou a vocês e os escolheu, não é porque vocês são os mais numerosos entre todos ou outros povos; pelo contrário, vocês são o menor de todos os povos! Foi por amor a vocês e para manter a promessa que ele jurou aos antepassados de vocês” (Dt 7, 7-8).





Deus, Pai de todos os povos

38. O coração do *Javé Sabaoth*, o Deus dos exércitos, que tinha provado ser um deus poderoso enfrentando e vencendo todos os deuses dos outros povos, foi se abrandando e mostrando a doçura de um pai preocupado com os seus filhos. Mais ainda, aos poucos foi se afirmando a percepção de que Javé não era o deus exclusivo dos hebreus. É o Deus universal, o Deus Pai de todos.

39. A universalidade de Deus foi o resultado de um longo caminho. De fato, o povo hebreu foi, no início, henoteísta, isto é, adorava o “seu” deus, sem negar a existência de outros deuses. Cada cidade, cada povo tinha os seus deuses tutelares que, tais como reis, caminhavam diante do exército na hora do combate, sendo, no final, vencedores ou vencidos. Os deuses derrotados e, portanto, fragilizados eram, muitas vezes, abandonados pelos seus seguidores que passavam a venerar os deuses vencedores. Existiu essa tentação também no meio do povo hebreu. Houve traições, mas os castigos – como eram interpretadas as invasões de povos estrangeiros – e o apelo incessante para a volta e a lembrança do pacto estabelecido entre Deus e o povo, fizeram perceber que Deus não tinha abandonado o seu povo.

40. Mais ainda, a Bíblia descreve o caminho percorrido através do qual a visão de um Deus tribal do início da história dos hebreus, o Deus de um povo, passou a ser reconhecido e compreendido como o Deus de toda a humanidade. Aquele amor, antes dirigido ao povo dos hebreus com exclusividade, volta-se indistintamente para todos os descendentes de Adão e Eva.

A experiência existencial da paternidade de Deus

41. O Deus bíblico, que cremos e adoramos, não é o Deus dos mitos e das escolas teológicas de pensamento, mas é o Deus percebido de modo vital na história das pessoas e

de uma comunidade. O nome de Deus é profundamente vinculado à história da esperança e do sofrimento da humanidade. Ele se manifesta em uma história concreta: “aqui Deus passa... aqui Deus retorna”. Deus é percebido de modo decisivo no êxodo do Egito, pelo povo de Israel. Depois da sarça ardente, Deus disse a Moisés: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó (um Deus que percorreu o caminho com pessoas concretas). “Vi a miséria do meu povo [...] conheço os seus sofrimentos. Desci para libertá-lo...” (Ex 3,6-8).

42. Deus se manifesta como alguém que é inteiramente associado ao seu povo e que vive uma aliança com ele. Mas neste tempo a história se limita ainda à história do povo de Israel. O Egito é apenas a “moldura”. Entretanto, a experiência religiosa é autêntica. Aprendemos a conhecer Deus concretamente. Tudo isto não implica que também hoje o homem descubra Deus em uma história concreta de luta e de esperança? Esta relação de amor entre Deus e o seu povo projeta uma luz nova também sobre a criação, conforme o livro do Gênesis. Certamente o crente de Israel em princípio não descobre Deus na criação, mas na história. No entanto, este amor de Deus se reflete igualmente sobre a realidade criada. Deus vê, e o homem estava com ele, que tudo é bom, aliás, muito bom. Mesmo diante da resistência do povo ao amor de Deus e às crises políticas que lhe são associadas, Deus permanece fiel ao seu povo. Em certo sentido, a aliança fica reforçada. “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que essas mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti” (Is 49,15).

43. Pouco a pouco o amor de Deus será percebido na história de Israel como uma renovação do coração (um coração novo, um espírito novo dado por Deus) e como um evento universal. A salvação que Deus realiza em Israel tem sentido para todos os povos. A perspectiva é aquela de uma paz universal, dom de Deus (Is 2,2-4) da qual participam todos os povos. No Antigo Testamento o termo “pai” aplicado ao Deus de Israel aparece apenas umas 15 vezes, diferentemente do uso bastante frequente feito pelos povos do Antigo Oriente, que consideravam o seu deus “pai dos homens”, quer pela geração física do



antepassado, quer pela autoridade absoluta que ele tinha sobre todo o povo.

Paternidade: eleição e aliança

44. A paternidade de Deus em relação ao povo de Israel não esta ligada à ideia de geração, mas deve ser vista em relação a um ato de eleição e de aliança e, portanto, ligada às intervenções históricas de Deus em favor do seu povo. Neste sentido a figura de Deus como pai aparece no ser “criador”: “Não é ele teu pai, teu criador? Ele próprio te fez e te firmou” (Dt 32,6) “Não temos todos um único pai? Não foi um único Deus que nos criou? (Mt 2,10). Outras vezes, a Escritura revela que Deus exige do povo que respeite a sua ‘autoridade paterna’ e reconheça a sua dependência filial: “Sois filhos pelo Senhor vosso Deus (Dt 14,1).” Mas não gritas a mim, agora mesmo: “Meu Pai! Tu és amigo de minha juventude!”; “Vós me chamareis ‘Meu Pai’, então vos afastareis de mim” (Jr 3, 19); “Em lágrimas eles partiram, em súplicas eu os trago de volta; vou conduzi-los às torrentes da água, por um caminho reto, em que não tropeçarão; porque eu sou um pai para Israel” (Jr 31,9).

45. A paternidade de Deus no Antigo Testamento, às vezes, se expressa também com traços femininos. É ligada sempre a uma relação que da parte de Deus é eleição, aliança, adoção, amor e, da parte do povo, é resposta de fé filial, nem sempre correspondida e, por isso, acompanhada do pedido de perdão: “Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei em meus braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles! Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava”; “Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, entregar-te, ó Israel. Meu coração se comove dentro de mim, minhas entranhas comovem-se” (Os 11,3-4.8); “Sim, tu te irritaste contra nós e, com efeito, nós pecamos”. “Não te irrites, Senhor, excessivamente. Não conserves para sempre a lembrança do pecado”; “Olha, pois, para nós: somos todos o teu povo” (Is 64,4.7-8).

Deus Pai: origem, presença e futuro

46. No livro do Eclesiástico temos uma bela oração de confiança em Deus, invocado como Pai pelo orante: “Senhor, tu és meu pai. Não me abandones no dia da provação, no tempo do desconforto e da desolação” Eclo. 51, 10). A paternidade de Deus no Antigo Testamento, afirma o teólogo Cardeal W.Kasper, pode ser sintetizada em três palavras: Deus-Pai é “origem”, “presença”, e “futuro”. Deus-pai é “origem” porque é o Deus dos pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” (Ex 3,15), porque é o Deus que escolheu o seu povo Israel e o ama como “primogênito” (Ex 4, 22; Jr 319). Deus-pai é “presença” no meio de seu povo desde a criação do mundo e o acompanha no seu caminho, feito de fidelidade e de infidelidade, como o pastor ao seu rebanho: “Senhor, tu és nosso pai, nós somos a argila e tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras das tuas mãos” (Is 64,7); “Senhor a tua bondade dura para sempre: não abandone a obra das tuas mãos” (Sl 138,8); “O Senhor é Deus, ele nos fez e nós somos seus, seu povo e o rebanho de seu pasto”. (Sl 100,3). Deus-pai é “futuro” da história do homem, porque ele é envolvido nas vicissitudes humanas, as vive como o homem, apelando sempre para o pacto nupcial e à alegria da aliança: “Como um jovem desposa uma virgem, assim te desposará o teu edificador. Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que o teu Deus sentirá de ti” (Is 62,5). Estas as características principais com as quais se apresenta Deus como pai nas Escrituras antigas.

Universo: dom e providência de Deus Pai

47. Onde vamos morar, papai? Um pai se preocupa com a casa para a sua família e faz questão, sempre que possível, que seja confortável e bonita. A criação do mundo, como a que encontramos no início da Bíblia, descreve a preocupação de Deus Pai com a moradia de seus filhos. O Salmo 8 é o hino de agradecimento ao Pai Criador:

“Senhor nosso Deus, a tua presença irrompe por toda a terra!

O universo inteiro canta a tua glória...

Senhor, quando me extasio a olhar o céu estrelado,

quando contemplo as noites de luar,

e penso que foste Tu seu criador, eu me pergunto:

‘Que valor imenso não deve ter o homem,

para estar sempre na tua lembrança, e ser tratado com tanto carinho?’”

48. A contemplação da obra de Deus Pai, como apresentada na Bíblia, não é uma informação ou uma exposição científica sobre a criação, mas curiosidade, admiração e maravilha pelo que encontramos no mundo, nossa habitação. Tudo nasceu de uma total gratuidade, da vontade de partilhar a vida. “A narrativa da criação não é um tratado científico, mas um poema que contempla o universo como criatura de Deus” (Nota-comentário, em rodapé. *Bíblia. Edição Pastoral*, Ed. Paulus). E partilhar a vida, não podemos esquecer, é e tem de ser um ato de amor. Desde já, lembramos que os pais são também criadores de vida.

49. O Salmo 8, como vimos, descreve a “maravilha” que é a obra de Deus, criada para nela abrigar a humanidade. Mas a narrativa da criação, embora na Bíblia seja colocado no início, é posterior aos relatos do Deus Pai que caminha com o “seu” povo rumo à Terra Prometida. No relato da criação, vemos a ânsia de um pai preocupado para que tudo saia a contento e conforme os seus planos. “E Deus viu que era bom” é o refrão repetido depois da execução de cada etapa da criação. O livro da Sabedoria (11, 25-26) insiste em apresentar um Deus determinado a fazer de sua criação uma obra-prima, porque fez “com amor”: “Sim, tu amas tudo o que criaste, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado. De que modo poderia alguma coisa subsistir, se tu não a quisesses? Como se poderia conservar alguma coisa se tu não a tivesses chamado à existência? Tu, porém, poupas todas as coisas, porque todas pertencem a Ti, Senhor, o amigo da vida”. Ressaltamos: Senhor, amigo da vida.

Por que Deus Pai criou o mundo?

50. Deus criou tudo. Está escrito na Bíblia desde a

primeira página. Mas há um motivo condutor que ocorre em toda a Escritura: nos salmos, nos profetas e na literatura sapiencial. Deus não cria sem uma razão. Se cria é por desejo de proximidade amorosa. Antes de pensar ao sol, à lua, às estrelas e ao conjunto do universo, a Bíblia pensa na criação do homem. O segundo capítulo do Gênesis é, com efeito, mais antigo do que o primeiro. Num primeiro momento vem o homem e a mulher. Mais tarde, no tempo do exílio será escrito o relato da criação em sete dias, que termina com estas palavras: “Assim foram concluídos o céu e a terra, com todo o seu exército”.

51. É de notável relevância o fato que Deus está atento não só à criação no seu conjunto, mas também, e muito mais, a cada criatura em particular. Deus atribui importância a cada planta, a cada animal; conhece cada estrela com o seu nome. Acha o alimento para os animais; os escuta quando reclamam por seu pasto, como todo pai escuta sua criança. “Eles todos esperam de ti que a seu tempo lhes dê alimento: tu lhes dás e eles recolhem, abres tua mão e se saciam de bens” (Sl 104, 27-28).

52. Deus não apenas cria o universo, mas experimenta também uma alegria infinita na sua obra. Para dizer a verdade, não sabemos por que Deus criou o mundo e o homem: não nos é dado conhecer o porquê último. Deus tinha precisão para amar alguma coisa ou alguém? Mas já não continha junto de si o seu Filho “que possuía na reciprocidade plena todo o seu amor”? O que sabemos é que Deus experimenta alegria na sua criação e que fica admirado: até seis vezes, menciona a Escritura, vê que tudo era bom e após a criação do homem, também isso era bom. A palavra hebraica “tov”, traduzida como “bom”, expressa a imensa alegria que Deus sente diante da sua obra. A criação é perfeita como Deus a tinha sonhado.

O Criador respeita as suas criaturas

53. Mas há outro fato surpreendente: criando, Deus respeita a infinita diversidade das espécies que fez: “Deus disse: Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo



a sua espécie, e Deus viu que isso era bom (Gn 1,24-25). Cada planta é dotada de sementes próprias: assim pode continuar a viver por si mesma. Quando Deus cria, então, põe a sua criatura em condições de realizar ela mesma, com a ajuda divina, o seu próprio destino. Assim se fez a criação. O mesmo vale para o homem: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1,28). O homem e a mulher podem progredir na construção de si mesmos, podem aperfeiçoar-se graças à ciência, às técnicas, à cultura. Sua própria condição estabelecida na sua criação assim o requer e os comanda interiormente; por isso, a humanidade deve constantemente modelar, forjar mais finamente a sua imagem. Evidentemente como todo artesão, pode também provocar danos a cada momento da história.

Participação humana na criação com Deus

54. Os pais humanos têm sentimentos e comportamentos parecidos. Eles também veem “que tudo é bom” na formação de sua família! Toda progenitor experimenta o mesmo sentimento diante do berço de seu filho. Ao longo de minha vida ministerial, visitei famílias com filhos recém-nascidos. São cercados de zelo e cuidado. Antes de serem recebidos em nascimento, ocorre a preparação do berço e do enxoval e até a organização da casa passa por mudanças. Tudo para receber bem aquele abençoado filho ou filha que chega para compor a família para sempre. Essa alegria experimentada pelos pais ocorre porque homem e mulher não criam sozinhos, criam com Deus: este é o fundamento quer das suas grandezas quer dos seus limites. Eva, após o nascimento do seu primogênito, exprime contemporaneamente os seus dois paradoxais atributos: a sua força e a sua pequenez. Grávida, põe ao mundo Caim e grita: “Adquiri um homem com a ajuda do Senhor” (Gn 4,1). Eu, certamente, mas por graça do Senhor! Deus protege o que fez; da mesma forma deveria fazer o homem porque a vida lhe é dada por Deus apenas para fazer a gestão dela. Em uma época em que a “cultura da morte” estende sempre mais o seu império, é preciso voltar o olhar ao Criador e Pai, a Ele quem por pura bondade, nos chamou à existência e que encontra a sua alegria em nós.

Ter olhos para a bondade de Deus

55. Os pais de hoje deveriam olhar com mais frequência para os olhos cheios de bondade de Deus para ver como ele mantém os seus filhos e como os desejaria que fossem. Então saberiam ser generosos como Ele, na sua missão de co-criadores e experimentariam a mesma alegria quando nasce um novo ser humano. Olhar Deus nos olhos, até para ver como ele cuida de cada planta e de cada animal em particular, como se cada um fosse um “filho único” (Gn 6,26) Respeita toda a criatura, por menor que seja, lhe indica a estrada e lhe dá crédito para que possa viver e crescer. Quando modela, não deixa secar a argila. Ele dá aos seus filhos certa autonomia. E nós?... Se Deus ousa correr tais riscos com a sua criação e com os homens e as mulheres, porque não fazemos a mesma coisa com os filhos e os jovens?

Onipotência de Deus Pai

56. No início do Creio, dizemos que Deus é onipotente. Sob uma cultura da modernidade, alguns encontram alguma dificuldade em compreender e aceitar a onipotência de Deus. Não se mantém, talvez, o homem prisioneiro de um estado de independência insuportável? Ou será, o homem, um eterno menor? Eternamente indigente? O desenvolvimento das ciências e das técnicas parecem sugerir exatamente o contrário. Não será, talvez, o homem, o onipotente? E ainda mais... Se Deus é onipotente, porque então tanto sofrimento inocente? Porque na sua onipotência, Deus não varre tudo isso? É talvez distraído ou, pior ainda, indiferente e duro? E com certeza deve possuir todos os meios para impedir tudo isso! Com frequência, quem fala de onipotência, pensa exclusivamente em ações impactantes, espetaculares. Não é essa a visão e o conceito bíblico acerca da Onipotência de Deus.

Onipotência em defesa dos pobres e dos fracos

57. Os hebreus aprenderam a conhecer a onipotência divina principalmente durante o êxodo. Então, Deus os conduziu da escravidão à liberdade, com mão forte e braço estendido (Dt 5,15). De um pequeno grupo de emigrantes sem coesão e fugitivos, Deus fez um povo organizado. Esta era a sua manifestação de onipotência. O que era pequeno, Deus fez grande. Entre Deus e Israel continuará este tipo

de relação. A onipotência divina se manifesta em primeiro lugar, sobretudo, na sua ação em favor dos pequenos e dos fracos. Deixa que o frágil Davi vença o gigante, (1 Sm 17), a graciosa Judith sobre o general Holofernes (Judith 9-13) e a frágil Ester sobre Amã (Est 5-7).

58. A onipotência divina não consiste em uma ostentação de força gratuita, em iniciativas feitas para causar estupor. Mas consiste em inclinar-se aos pequenos, como Maria cantará no seu Magnificat: “Derrubou os poderosos dos seus tronos e elevou os humildes” (Lc 1,52). A Bíblia, aliás, ironiza a potência dos “fanfarrões”. Assim se diz de Lísia, o perseguidor de Israel, no livro dos Macabeus: “Isto, porém, não tendo em consideração alguma o poder de Deus, mas confiando somente nas suas miríades de soldados, nos seus milhares de cavaleiros e nos seus oitenta elefantes” (2Mc 11,4).

Onipotência na bondade que cria

59. A onipotência de Deus se manifesta também nas obras da criação. Mas, mesmo a grandeza da criação é também o fruto da bondade de um Deus muito próximo. As estrelas, Deus certamente as fez e conhece o seu número, mas, sobretudo, com grande ternura, as chama cada uma pelo seu nome: “Ele conta o número das estrelas e chama cada uma por seu nome. Nosso Senhor é grande e onipotente e sua inteligência é incalculável” (Sal 147, 4-5). Certo, em toda a criação resplandecem a capacidade e a potência de Deus; mais ainda, ela é como a pupila do seu olho divino, o objeto da sua sabedoria amável e de sua providência: “Sim, tu amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado não a terias feito... Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, amigo da vida! (Sb 11, 25.26)

Catequese de Bento XVI sobre a paternidade de Deus

60. “A catequese do papa Bento XVI sobre a paternidade de Deus é uma das páginas mais altas do seu magistério, especialmente quando aborda o tema da onipotência de Deus”. A afirmação é de Christian Albini, cientista político

e leigo católico italiano. Diante do problema de tanto sofrimento e de tanto mal no mundo, o papa afirma que alguns buscam refúgio em ídolos “cedendo à tentação de encontrar respostas em uma suposta onipotência “mágica” e nas suas ilusórias promessas; outros afirmam simplesmente que Deus não é todo-poderoso. “A fé em Deus todo-poderoso – continua Bento XVI – nos leva a percorrer caminhos bem diferentes: aprender a conhecer que o pensamento de Deus é diferente do nosso... A onipotência de Deus é diferente do que podemos imaginar ou pensar: ela não se expressa como força automática ou arbitrária, mas é marcada por uma liberdade amorosa e paterna. Na realidade, Deus, criando criaturas livres, dando liberdade, renunciou a uma parte do seu poder, deixando o poder da nossa liberdade”.

A Onipotência do Pai que ama tudo e todos

61. “Ele ama e respeita a resposta livre de amor ao seu chamado. Como Pai, Deus deseja que nos tornemos seus filhos e vivamos como tais no seu Filho, em comunhão, em plena familiaridade com Ele. A sua onipotência não se expressa na violência, não se expressa na destruição de todo poder adverso como nós desejamos, mas se expressa no amor, na misericórdia, no perdão, no aceitar a nossa liberdade e no incansável apelo à conversão do coração, em uma atitude só aparentemente frágil – Deus parece fraco se pensarmos em Jesus Cristo que reza, que se deixa matar. Uma atitude aparentemente fraca, feita de paciência, de mansidão e de amor, demonstra que esse é o verdadeiro modo de ser poderoso! Esse é o poder de Deus! E esse poder vencerá!”.

62. E o papa Bento XVI continua: “Só quem é realmente poderoso pode suportar o mal e se mostrar compassivo, só quem é realmente poderoso pode exercer plenamente a força do amor. E Deus, a quem pertencem todas as coisas, porque tudo foi feito por Ele, revela a sua força amando tudo e todos, em uma paciente espera pela conversão de nós, seres humanos, que Ele deseja ter como filhos. Deus espera a nossa conversão. O amor onipotente de Deus não conhece limites, tanto que ‘não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós’ (Rm 8, 32)”.



63. “A onipotência do amor não é a do poder do mundo, mas sim a do dom total, e Jesus, o Filho de Deus, revela ao mundo a verdadeira onipotência do Pai dando a vida por nós, pecadores”. Por isso, não tem sentido ver a morte de Cristo como a vingança de Deus pelo pecado de Adão e castigo infligido à humanidade. Quem somos nós para nos arrogar um poder de maldade tão intenso que chega a incomodar e desafiar Deus? A morte de Jesus é o testemunho de que “não tem maior amor do que dar a vida por aqueles que amamos”. Por isso Jesus Cristo – Deus – deixou que o crucificassem para nos mostrar o seu infinito amor.

Creio em Deus, Pai todo poderoso

64. “Portanto – conclui Bento XVI - quando dizemos “creio em Deus Pai Todo-Poderoso” expressamos a nossa fé no poder do amor de Deus que, no seu Filho morto e ressuscitado, derrota o ódio, o mal, o pecado e nos abre à vida eterna, a dos filhos que desejam estar para sempre na “Casa do Pai”. Dizer “creio em Deus Pai Todo-Poderoso”, no seu poder, no seu modo de ser Pai, é sempre um ato de fé, de conversão, de transformação de nosso pensamento, de todo o nosso afeto, de todo o nosso modo de viver”.

Recusa ao amor do Pai

65. A onipotência de Deus esbarra na recusa do homem em se deixar amar por Deus. É a mais grave culpa do homem, que, não aguentando em si a sua própria rejeição, corre atrás de poder, riqueza, consumismo, ídolos para preencher a falta de sentido da vida. Consequência disso: os males de que sofre a humanidade, as guerras, o ódio, a violência, a prepotência, a exclusão social, a corrupção, a destruição ambiental, a fome, a concentração da riqueza e o sofrimento produzido pela lógica do mal.

66. O poder do homem e da mulher começa com aceitação do amor e sentir-se amado. “Ama e faça o que quiseres” é frase atribuída a Santo Agostinho, que completa: “Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor;

se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”.

67. Na narrativa do Gênesis, o rei do universo, Pai onipotente, entrega o reino ao homem/mulher, indicando as diretrizes para que reinem sabiamente: “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra...’” (Gn 1, 28). Só falta dizer, em palavras de hoje: “Sejam felizes, e sintam a mesma alegria que eu experimentei ao criar o mundo e vi que tudo era bom”.

68. Quando os filhos não correspondem aos anseios do Pai e se desgarram do caminho indicado, inicia-se a história de um Deus que socorre, sempre que precisar, e fica esperando a volta. É o que a Bíblia – com suas peculiaridades do tempo e das mentalidades – vai apresentando, até a meta final, quando o Filho/Deus se faz homem para que este aprenda e sinta o que significa ser filho do Pai/Abbá.

69. O oração do Creio, que começa com a profissão da onipotência de Deus na criação, termina com o rito do reconhecimento desta mesma onipotência na ressurreição da carne e na vida eterna. Deus é onipotente do princípio ao fim.

A sociedade dos filhos de Deus Pai

70. Durante a *romaria*, que foi o caminho percorrido pelos hebreus desde o Egito, fugindo da escravidão, até a instalação na Palestina e até a vinda do Messias, o Salvador, os hebreus fizeram também a experiência do que pode ser uma casa em que a regra fundamental é a lei sem o amor. Lei que pode ser a religião, quando se torna opressão: imposição de obrigações pelos agentes religiosos que, no lugar de aproximar a Deus, “só cuidam dos próprios interesses e continuam explorando quem trabalha” (Is 58, 3).

71. Os profetas, voz de Deus, denunciavam: “Grite a plenos pulmões, sem parar... o jejum que eu quero é este: acabar com as prisões injustas, desfazer as correntes do jugo, por em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer jugo; repartir a comida com quem passa fome, hospedar em sua casa os pobres sem abrigo, vestir aqueles que se encontram nus, e não se fechar à sua própria gente... Se você fizer isso... você chamará por socorro, e Javé responderá: ‘Estou aqui!’” (Is 58, 6-7. 9).

72. Pergunta: esta mensagem vale para o nosso tempo? É uma voz que foi ouvida há dois mil e quinhentos anos, numa sociedade em que havia muita injustiça e sofrimento, em que a religião era motivo de exploração do povo. E a nossa sociedade, o que oferece a muitas pessoas, a não ser injustiças, violência, opressão, desigualdade, corrupção, dilaceração da ética? O grito de socorro - “Divino Pai Eterno, protegi-me!” - se eleva ao céu também hoje, invocando o amparo do Único que pode auxiliar, perdidas que foram as esperanças humanas.

Pai Eterno, socorrei-nos

73. Para o socorro, Deus confia nos seus filhos, nos que acreditam que a única lei que pode salvar vidas é a lei do amor. Deus socorre pela obra de seus filhos que cuidam para que os interesses comuns tenham a supremacia sobre os interesses pessoais e acabe a exploração dos mais fortes sobre os mais fracos. É a mensagem que já se ouvia há milhares de anos; mensagem repetida insistentemente por Francisco, nosso papa. Não podemos nos curvar diante das exigências do mercado e do dinheiro, e esquecer o sofrimento de tantos irmãos.

74. O sinal da presença de um Deus libertador que resgatou o povo do Egito - pela onipotência que se manifestou nos prodígios realizados - deve reaparecer na “justiça” para com os oprimidos. A justiça de que fala a Bíblia é sinônimo da vontade de Deus. É recomendação de Javé: “Não explore o assalariado pobre e necessitado, seja ele um de seus irmãos ou imigrante que vive em sua terra, em sua cidade. Pague-lhe o salário a cada dia, antes

que o sol se ponha, porque ele é pobre e sua vida depende disso... Não distorça o direito do estrangeiro e do órfão, nem tome como penhor a roupa da viúva. Lembre-se: você foi escravo no Egito e daí seu Deus o resgatou. É por isso que lhe ordeno de agir desse modo... Quando você estiver ceifando a colheita em seu campo e esquecer atrás um feixe, não volte para pegá-lo: deixe-o para o imigrante, o órfão e a viúva” (Dt 24, 14-15.17-19).

75. É essa a “lei” do Antigo Testamento que deve nos orientar em nossas relações sociais, culturais, ecológicas e econômicas, que regem nosso dia a dia. Enquanto “palavra de Deus”, é palavra do “Onipotente” que, por nossa vida e por nossas ações, quer implantar um mundo de justiça e a verdadeira humanidade. A “onipotência” de Deus, que não é poder tirânico, requer a nossa colaboração.

A compaixão de Deus Pai

76. As palavras que lemos em Isaías indicam que os hebreus adquiriram consciência de que o amor que o Deus ciumento endereçava ao seu povo foi se transformando em um amor de compaixão, isto é, de partilha dos sentimentos, especialmente com aqueles que têm a preferência no coração dos pais, os que sofrem. Os hebreus, para os quais a aliança com Javé sempre foi uma garantia de proteção e benefícios, são convidados a manifestar um amor que age com gratuidade, que não faz cálculos pelo que pode ganhar de retorno, amor sem contrapartida e interesses: o mesmo amor e a mesma compaixão de Deus. Surge, aos poucos, a ideia de uma fraternidade, já que somos filhos do mesmo pai. Pai que “carregou” o povo no deserto “como o homem carrega seu filho”, mas que agora quer que essa paternidade seja entendida como uma paternidade universal. Por isso, louvemos a Deus que “dá o pão a todo ser vivo, porque o seu amor é para sempre!” (Sl 136, 25). A confirmação final e inapelável será a vinda do Filho, o Verbo/Palavra do Pai.

CAPÍTULO IV

O Pai Onipotente,
segundo os Evangelhos



77. No evangelho o conceito de onipotência aparecerá ainda mais claro; a onipotência de Deus atua através do Espírito Santo. Agora, o Espírito Santo trabalha com doçura. Ele consola, cura e perdoa. Paulo vê manifestar-se mais claramente a onipotência divina na fraqueza da cruz: **“Nós, porém, anunciamos Cristo Crucificado**, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,23-25). Na paciência e no perdão, Deus mostra com a máxima evidência quanto seja forte: “Deus que revelais a vossa onipotência, sobretudo com a misericórdia e o perdão, continuei a derramar sobre nós a vossa graça” (Oração do XXVI domingo do Tempo Comum).

A divina providência do Pai onipotente

78. Outro nome da onipotência de Deus – tão discreta, como misteriosa – é a providência. Deus é fonte de confiança e de esperança. Israel aprendeu a confiar durante o êxodo: do céu caía o pão e o vento da noite trazia o maná” (Ex 16). Quase todos os salmos evocam a providência divina. Quem não recorda o refrão do Sl 136, o grande aleluia que Jesus entoou no Horto das Oliveiras: Porque eterna é a tua misericórdia. A providência divina é a solicitude tranquila no seio da qual nos sentimos todos amparados e que, enfim, - mas não sem a nossa colaboração – conduzirá todos à sua perfeição (cf. Rm 8,28).

A onipotência de Deus, vitória sobre a morte

79. O maior ato do poder de Deus é o triunfo sobre a morte; é esta a manifestação mais impactante da sua onipotência. Deus é capaz de chamar para fora de seus túmulos os mortos. O Pai não quis que o seu Filho, o justo, conhecesse a corrupção do próprio corpo. Somente Ele tem o poder de enxugar toda lágrima dos seus olhos; “pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim, as coisas antigas se foram” (Ap 21,4). Por isso, o Creio começa com a profissão da onipotência de Deus na criação e termina com o rito do reconhecimento desta mesma onipotência na ressurreição da carne e na vida eterna. Deus é onipotente do princípio ao fim.

O poder paterno do cuidado e do amor

80. Todo pai pode olhar no espelho da onipotência divina. Vai se reconhecer, embora apenas em parte. O pai também exerce um poder. Entretanto, será que tem consciência que o seu poder paterno se manifesta mais e de modo mais certo na fraqueza, quando perde a paciência, mas depois perdoa? Os pais humanos, ao amar, mostram mais eficazmente o seu poder. Também eles são mais fortes quando manifestam uma predileção amorosa para com o filho menor, mais fraco ou doente. Os pais, também, sabem que depois da “criação”, por muito tempo precisa de “providência” para criar a criança, cercá-la de atenções, permanecer para elas fonte de confiança, de paciência e de esperança. Mas todo pai que olha para Deus, reconhece também os seus limites. O seu poder é limitado, o seu amor e a sua paciência estão bem longe de serem inexauríveis. O pai humano é apenas um ser finito e o seu tempo é breve. Enfim, é apenas um “homem”: a sua solicitude é somente masculina, porque não é mãe, enquanto Deus é ao mesmo tempo pai e mãe. E, sobretudo, os pais terrenos não dominam a morte. Esta vence sempre. Além disso, o pai daqui de baixo é incapaz de enxugar toda lágrima, de afastar todo clamor ou aflição. Para ele “as coisas de antes” ainda não passaram... Enfim, - e isto é ainda mais decisivo – chegará sem dúvida o momento em que o filho, por sua vez, deverá ser um pai para ele e enxugar as suas lágrimas no momento do último adeus.

Um Pai que fala

81. Estamos de tal maneira habituados à relação dialogal com Deus Pai que quase nos esquecemos: temos um Deus que falou, um Pai que fala. Ora, isto não é frequente na história das religiões. Feita exceção ao hebraísmo e ao cristianismo, os deuses nas demais religiões quase não falam. Com frequência não são outra coisa senão elementos da criação: o sol, a lua, as estrelas, a natureza fértil, as montanhas, as florestas. Também são confundidos ou identificados com as forças naturais impessoais, como a fecundidade, a força da natureza, a energia cósmica. Enfim, o universo dos deuses, nas cosmogonias em geral, não é senão uma réplica do universo dos homens, enriquecido pela imaginação. Os deuses e as deusas dos

gregos sobre o Olímpio, por exemplo, viviam todo tipo de aventuras consteladas de pequenas alegrias e de pequenos desprazeres.

82. O Deus da Bíblia, Ele sim, é um Deus que fala. Não apenas pela linguagem silenciosa da criação, mas por meio de verdadeiras palavras. E Deus fala sempre mais claramente: “Deus, que havia já falado nos tempos antigos dos profetas, ultimamente, nestes dias, falou a nós por meio de seu Filho...” (Hb 1, 1-2). Entre Deus e os homens nunca houve um definitivo silêncio. Por isso, a cada Natal, no início da Missa da noite natalina, proclamamos: “Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas, e a noite mediava o seu rápido percurso, tua palavra onipotente lançou-se do trono real dos céus...” (Sb 18, 14-15). As consequências do fato que Deus falou são importantes. Em primeiro lugar, isto significa que somos seres aos quais é possível falar, que Deus considera como adultos livres e responsáveis. Nós podemos entendê-lo e ele pode responder-nos, ou então ir embora. Pelo próprio fato de falar, Deus nos confere uma dignidade inestimável: podemos conversar com ele, somos válidos interlocutores. “Que é um mortal para dele te lembrares... E o fizeste pouco menos que um Deus” (cf,Sl 8).

83. Se Deus nos fala, é também porque espera que nós entremos em colóquio com ele, que colaboremos, que nos tornemos seus aliados, que escrevamos nossa história junto com Ele. Em outras palavras, a nossa relação com Deus não é completa, não é de todo fixada e determinada desde o início. Quem fala a alguém não faz, desde o início, um giro de horizonte exaustivo, colocando tudo por escrito de um modo fixo e definitivo. O que Ele quer não é só um interlocutor, mas um companheiro de estrada. Deus falou – também por intermédio dos profetas e sábios -, mas se serviu de uma linguagem cujo vocabulário e sintaxe somos nós que estabelecemos e desenvolvemos com ele: a linguagem da história. Aquela história do povo hebreu e a nossa história. Deus permitiu que as “aventuras” e vicissitudes humanas falassem dele. Eram com frequência tristes histórias de má vontade e de infidelidade, de deserções e arrependimentos porque a história era aquela, de um povo de dura cerviz (Ex 32,9). Escolhendo

semelhante linguagem humana como interlocução, Deus Pai não se poupou nenhum risco.

Deus Pai fala pelo seu filho, o Verbo da Vida

84. Na plenitude dos tempos, Deus fala pela Palavra vivente, um homem, um Verbo de carne e de sangue. Não apenas escutamos Jesus, mas podemos vê-lo, tocá-lo com as nossas mãos: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida – porque a vida manifestou-se: nós a vimos e lhe damos testemunho e vos anunciamos a Vida Eterna...” (1 Jo 1-2).

85. Se Deus nos fala é porque quer nos amar. Quem fala com alguém, espera aproximar-se dele. Está já no caminho do amor, mesmo sendo possível uma ruptura. Atrás de todo desejo de estar juntos, há o seguinte: Quero aproximar-me de ti. Posso me tornar seu vizinho? Quem se dirige ao outro, sempre se expõe aos problemas de comunicação. O interlocutor pode dizer não, pode recusar o diálogo ou pode manipular a intenção da conversa. Quando me dirijo a alguém, me torno de fato vulnerável porque ao outro devo me expor. Deus experimentou essa situação: o seu Verbo que se fez homem foi pregado na cruz. Cada sexta-feira santa, ouvimos a lamentação de Jesus Crucificado: “Povo meu, que te fiz eu, que mais deveria ter feito, e não fiz? Responde-me”.

A paternidade humana e a aventura do diálogo

86. Os pais humanos se reconhecem na aventura do Pai Eterno que nos fala? Sim, a seu modo. Os pais também devem correr o risco e dialogar com os seus filhos. Eles também precisam lidar com seres autônomos e responsáveis. Eles também enfrentam o risco ínsito de todo diálogo: que os seus filhos escutem e, depois, vão embora. Os pais humanos também sabem que quando se fala entra-se numa história que não será isenta de digressões nem de interrupções de comunicação. E, enfim, todos os pais conhecem a sua própria sexta-feira santa da paixão e morte. Mas sabem também que de todo diálogo nasce o desejo de amar e de ser amados e que o diálogo com os



seus filhos iniciou-se com um delicado pedido de licença: “Posso chegar aí e ser o seu próximo?”

O Pai e a lei

87. A família de Deus Pai – o povo de Israel – recebeu consistência e estabilidade aos pés do Monte Sinai. Lá Deus deu sua lei a Moisés. Toda família precisa de um código de vida. Há o risco de romper a aliança ou que algum dos membros da família já não saiba mais quem seja o seu irmão ou irmã. Nos dias de hoje, de modo todo particular, a lei não goza de boa fama; com frequência, a lei é considerada como impiedosa, inoportuna ou tirânica. Tenderia a reduzir a nossa liberdade. Mas é mesmo assim? Na verdade, não. Para a Bíblia, os dez mandamentos são “a receita da felicidade” que Deus, na sua bondade, oferece a Israel. A Bíblia não se cansa de cantar sobre a benção e o dom da lei; ela é um benefício concedido somente ao povo de Deus, para que saiba qual seja o melhor modo de viver para ser feliz.

88. Também os mandamentos são chamados de modo todo particular “palavras de Deus”. Eles constituem a formação bendita que assegura a felicidade a cada pessoa e ao conjunto da sociedade. Um longuíssimo salmo, o 119, é consagrado à alegria da lei: “Quão doce ao meu paladar á a tua palavra, é mais do que o mel em minha boca” (Sl 119,103). E ainda: “São cantos para mim os teus preceitos, e lâmpada para os meus passos é a tua palavra, luz para o meu caminho”. Longe de ser opressora, a lei de Deus liberta e educa, faz progredir e conduz à liberdade. Certamente ela comporta “proibições” e estabelece limites. Mas toda vez que encontramos escrito “Ingresso proibido”, se trata de um aviso para nos alertar contra um beco sem saída. Toda estrada impedida reenvia a uma saída aberta e praticável. Poupa-se, assim, o tempo necessário de ter que retornar sobre os próprios passos.

A lei e a felicidade

89. Jesus também dará a sua “nova lei”. Encontramo-la essencialmente no discurso da montanha. Aqui é mais claro ainda que a lei não oprime, nem nos torna tristes. Começa,

de fato, com oito bem-aventuranças: Bem-aventurados os pobres e os aflitos, bem-aventurados os puros de coração, os misericordiosos ou os perseguidos por causa do meu nome” (Mt 5,3-10). Jesus vai mais longe do que Moisés: fala de superabundância, de fazer sobretudo o que não é apenas o estritamente necessário ou requerido, porque há tanta alegria na exageração, na “radicalidade”, quando se vai bem longe em fato de oração, de dom, de perdão. “Se a vossa justiça não superar aquela dos escribas e fariseus...” (Mt 5,20), vossa alegria não será senão moderada. De onde teria vindo a felicidade de um Francisco de Assis, de um São Paulo da Cruz, de uma Madre Teresa de Calcutá, e um João Paulo II e de tantos outros santos e santas, senão da observância “superabundante” da nova lei? Esta lei é infinitamente mais doce ao paladar do que o mel. Esta lei, vivida de modo supremo por Jesus, nos é dada pelo Espírito Santo, o Consolador que habita nos nossos corações e que nos sugere tudo aquilo que devemos fazer.

90. Na família humana, estabelecer a lei pertence principalmente à função “paterna”. A ausência de normas na família tem como consequência que o lar – e ao mesmo tempo a sociedade – se desagrega: nasce confusão e caos. Sem a lei “paterna”, a criança regride ao estado indiferenciado de quando estava no seio materno; perde a noção de tempo e da paciência, a percepção do outro se obscurece... Nas famílias sem piloto, quase não há a alegria, falta o espírito de mútua pertença, as relações são de frieza e as pessoas se sentem sozinhas. O lar, então, se torna um albergue, um lugar apenas de hospedagem e de alimentação.

91. A função de ditar a lei é, para o pai, uma missão “participada”. É recebida e prestada; o pai, neste aspecto, não é autônomo nem princípio de autossuficiência. A autoridade paterna, quando autoritária, corre também o risco de sérias patologias; ela se torna morbosa no momento em que os pais deste mundo esquecem que são eles também, antes de tudo, filhos do Pai. A paternidade humana que perde a referência da paternidade de Deus, degenera rapidamente em paternalismo (ou clericalismo) e não surte outro efeito a não se o de paralisar os filhos. Convém, portanto, que os pais saibam que as suas prerrogativas nesta matéria são tomadas emprestadas e recebidas de Deus Pai.

Um Pai que perdoa

92. Ouve-se dizer com frequência que os pais fixam as regras e as mães compreendem e perdoam. Ora, se Deus é efetivamente pai e ao mesmo tempo mãe, será exigente e misericordioso. De fato, Deus Pai é repleto de doce compaixão. O Deus misericordioso não se manifesta em primeiro lugar no Novo Testamento. A primeira aliança já estava sob o sinal da misericórdia divina. “Saberás, portanto, que o vosso Deus é fiel, que mantém a sua aliança e benevolência por mil gerações, com aqueles que o amam e observam os seus mandamentos” (Dt 7). Deus já se havia apresentado sob este aspecto misericordioso quando Moisés passou a sua frente, lá na montanha: “Ó Senhor, ó Senhor, Deus misericordioso e piedoso, lento à ira e rico de graça e de fidelidade, que conserva o seu favor por mil gerações” (Ex 34, 6-7). Não existe pecado algum, nenhum crime do qual Deus não possa relevar: “Então sim poderemos discutir, diz o Senhor: mesmo que os vossos pecados sejam como escarlata. Tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como carmesim tornar-se-ão como a lã” (Is 1,18). Do mesmo modo, fica para nós a memória dos gestos de perdão dos muitos personagens entre os grandes de Israel. Abraão se reconcilia com Lot (Gn 13, 8-9) e Jacó com Esaú (Gn 33); José perdoa os seus irmãos (Gn 42-45) e Davi renuncia a vingar-se de Saul (1 Sm 26); depois, há o profeta Oséias que a pedido de Deus retoma consigo a mulher infiel e a perdoa (Os 3,1-3).

Santidade e misericórdia

93. A nova aliança vai bem mais além na disposição do perdão. Jesus insere o mandamento do perdão precisamente na “sua” oração, o Pai Nosso: perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,12). É exatamente no momento em que nós perdoamos que mais nos assemelhamos a Deus. Perdoar é o compêndio de toda perfeição, o arquétipo da santidade. O Evangelho segundo São Lucas formula em modo sublime esta verdade. Mesmo retomando o ideal de santidade, tal como expresso no Levítico (Lv, 19, 2) - “Sejais santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo -, narra de Jesus algo muito diferente: “Sejais misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso” (Lc, 6,36). A santidade consiste em ser misericordioso,

em saber perdoar. A misericórdia é, portanto, a mais alta forma de santidade, a santidade de Deus.

Perdoar: assemelhar-se de Deus

94. No Antigo Testamento, a “santidade” significava “ser separado, ser outro”; pois bem, Deus é outro diferente de nós exatamente porque possui um poder ilimitado de perdão. Em matéria de perdão, de resto, Jesus ultrapassa todas as fronteiras da compreensão racional. Ninguém foi mais longe, ninguém “exagerou” até aquele ponto em que foi Jesus. Ele abandona noventa e nove ovelhas para se colocar à procura de uma só. Pede-nos para amar os nossos inimigos e de rezar por aqueles que nos fizeram o mal. Ele perdoa também os carnífcies que lhe dão a morte. Também um pai perfeito desse mundo sabe perdoar os próprios filhos. Pode possuir muitas qualidades paternas, dar até tudo o que possui; mas perdoar permanece ainda uma realidade maior. As características de um pai que perdoa, em lugar nenhum são escritas de forma tão convincentes como na parábola do pai misericordioso e do filho pródigo. (Lc 15). O filho menor toma a sua herança e vai embora; assim fazendo “assassina” simbolicamente o pai. Não faz frutificar o que recebeu, antes põe tudo a perder. Incide, portanto, em pecado porque todo pecado é um “dom esbanjado”, um talento gasto mal. De repente este filho perde todo o amor próprio: não contente de esbanjar o seu dinheiro, aliena-se a si mesmo. Chega a ser atormentado pela fome. Todavia, não apenas a fome o impele a voltar para a casa paterna, mas a recordação da bondade de seu pai. A mesma coisa acontece no caso de todo e qualquer bom pai; por mais que seu filho vá para longe, uma parte dele fica em casa, a sua memória. E mesmo que não seja mais um filho – jogue fora esta honra –, o pai, ainda assim, permanece o seu pai, comentava São Pedro Crisólogo. Portanto, quando um pai terreno se assemelha a Deus, se assemelha nisso, em saber perdoar.

O sofrimento do Pai

95. Na Escritura encontramos um passo enigmático. Marcos e Mateus ficaram de tal maneira impressionados que o conservaram em aramaico: Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes (Mt 27,46; Mc 15,34). Certo que

se trata de uma citação do salmo 22 – conhecido, portanto, de longa data em Israel – mas ninguém podia esperar que o Filho de Deus pronunciasse aquelas palavras gritando-as ao seu Pai. E como se o sofrimento e a proximidade da morte fossem quase em grau de quebrar o estreito liame entre o Pai divino e seu Filho. Evidentemente, não é possível que alguma coisa possa atingir ou romper o amor entre o Pai e o Filho.

“Meu Deus, por que me abandonastes?”

96. Na hora da cruz, Deus Pai não abandonou o seu Filho bem amado. Entretanto, naquele momento em que Jesus se ofereceu por nossos pecados, uma espécie de sofrimento se insinuou na alegria do amor entre Jesus e seu Pai. Sem dúvida, nunca compreenderemos a grandeza e a intensidade dessa relação entre o Deus Pai e o seu Filho Jesus, mas é exatamente por nossa causa que uma sombra passou sobre a realidade luminosa da relação Pai-Filho, no seio de Deus. Pai e Filho aceitam este “afastamento”, exatamente por que nos afastamos muito deles. Juntos aceitaram aquela prova querida por nossa causa. “O Pai oferece seu Filho na cruz para se tornar o Pai oferecido, doado. Abandonando o Filho, também o Pai se abandona”. Pergunto: Guardadas as devidas distinções, não é o mesmo sentido que ocorre com os pais humanos? O seu amor paterno não se revela principalmente ao lado do berço seu menino ou na ocasião de uma alegre festa familiar sem nuvens? Esse sentido de recíproco abandono - em que o pai também se sente abandonado -, talvez se faça mais evidente quando um filho foge e seu pai deve atravessar um deserto de impotência, se não de sentidos de culpa. Um amor autêntico não precisa de verificações a cada momento. Suporta a escuridão de um túnel. Não é talvez verdade que, às vezes, um pai precisa “oferecer” o seu filho para se tornar realmente pai?

Vós não tendes senão um só Pai, e vós todos sois irmãos

97. Porque o Pai celeste é o criador de todos os homens, também é o pai de todos. Múltiplas são as consequências



dessa verdade. Para começar, todos os homens formam uma única grande família, por mais que sejam acentuadas as suas diferenças de cor, língua, religião, cultura. Por outro lado, isso quer dizer que Deus não ama por nada a uniformidade: quer todas as cores e a cor cinza universal. E porque todos somos irmãos e irmãs, não devemos desprezar ninguém, sem que simultaneamente desprezemos a nós mesmos. É da mesma forma claro que tudo quanto produzir a superfície da terra, em matéria de fruto e de tesouros, tudo isso pertence a todos.

98. Tudo o que possuo me foi dado em “empréstimo”. E o que não posso utilizar não me pertence. “As vestes dos vossos armários que não são utilizadas [dizia Ambrósio] não vos pertencem, são dos pobres”. Não somos proprietários, mas apenas administradores. Se Deus é Pai de todos os homens e mulheres, somos irmãos e irmãs daqueles que, por caminhos diferentes, se dirigem a um mesmo Deus. As outras Igrejas, confissões ou religiões são igualmente filhas de Deus. Por isso podemos e devemos dialogar com eles. Querer-se-ia dizer com isso que sustentamos o caráter relativo das religiões, inclusive a nossa? É isto fim de todo testemunho, de toda missão? Não, porque Jesus é o verdadeiro Filho do Pai, o caminho, a verdade e a vida. Simplesmente, temos consciência de não ver assim tão longe a ponto de conhecer todo o mistério do Pai. Se toda paternidade traz a imagem de Deus, será necessário que cada família seja uma “família aberta”. Tomar cuidados dos seus é um dever, mas a acolhida dos outros o é da mesma maneira. Se a mesa familiar é a mesa de Deus, então, outros filhos que não pertencem à família são igualmente bem-vindos. Nas famílias que acolhem os filhos vindos de outros lugares por um certo tempo ou definitivamente, o “simbolismo paterno” é total: a paternidade vai além dos laços de sangue. “Vós sois irmãos e irmãs”; no céu, será a mesma coisa.

Obediência ao Pai

99. Só Deus é o pai verdadeiro. Só ele pode dizer-nos quem é verdadeiramente seu Filho. “Um filho obedece”, sempre se diz. Mas nem sempre a palavra obedecer suscita muito entusiasmo, sobretudo nos nossos dias. Todavia, se examinarmos a raiz linguística da palavra

obedecer, se a analisamos, podemos encontrar aí um bom caminho de reflexão. Obedecer vem do latim *ob-audire* e *audire* significa ouvir, escutar. Ora, a escuta não suprime a minha liberdade, a minha autonomia, mas pode indicar-me o caminho, iluminar-me orientar-me. Aquele que tem o hábito de prestar escuta atenção, aprende muitas coisas; descobre soluções que outros ignoram.

100. Obedecer a um bom pai significa crescer em plena confiança. Deus é um pai bom. Todo o Evangelho o testemunha, baseado na experiência de Jesus em sua relação com o Pai. O Pai sabe de que precisamos, mesmo antes que lhe peçamos (Mt 6, 25-34). Quando lhe pedimos pão, não nos dará um cesto de pedras, nem um escorpião em lugar de um ovo! Mas acima de tudo nos deu o seu próprio Filho, o seu supremo bem: “De fato Deus tanto amou o mundo que lhe deu o seu filho unigênito” (Jo 3,16). Ele que não poupou seu próprio Filho, mas o deu a todos nós, como não nos daria todas as coisas junto com Ele (Rm 8,32). Um verdadeiro Filho, portanto, pode dirigir com confiança ao seu PAI a seguinte oração:

Oração do Abandono (Charles de Foucauld)

Meu Pai,
Eu me abandono a Ti,
Faz de mim o que quiseres.
O que fizeres de mim,
Eu Te agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo.
Desde que a Tua vontade se faça em mim.
E em tudo o que Tu criastes,
Nada mais quero, meu Deus.

Nas Tuas mãos entrego a minha vida.
Eu Te a dou, meu Deus,
Com todo o amor do meu coração,
Porque Te amo
E é para mim uma necessidade de amor
dar-me, entregar-me nas Tuas mãos
sem medida. Com uma confiança infinita

Porque Tu és...
Meu Pai!



O Reino da paternidade

101. Na Nova Aliança, Pai é o nome por excelência dado a Deus. Pode-se compreender isso à luz da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus. O Reino de Deus ocupa um lugar central no modo de Jesus agir. As multidões que acorriam para ouvi-lo sabiam de que coisa teria falado: do Reino de Deus! Jesus diz que o Reino de Deus está próximo (Mc 1,15). Está para se completar. Isto resulta também dos sinais que Jesus realiza. O Reino de

Deus é a entrada definitiva da justiça e da paz de Deus no mundo. A história do amor de Deus acelera como que a correnteza rápida de um rio, se assim se pode dizer. Deste modo, Deus se revela como Pai. O coração do Reino de Deus que está para realizar-se plenamente em Jesus é a relação de ternura entre Deus e os homens (Lc 15,11-32). Deus se mostra como um pai misericordioso (Lc 6, 36).

CAPÍTULO V

Santíssima Trindade



102. “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco”. “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

103. Com essas palavras iniciamos a Missa, a celebração dos cristãos que renova a presença sacramental de Jesus Cristo, isto é, torna perceptível o invisível: sua paixão, morte e ressurreição. Pela fé, Cristo vive e anda conosco. A invocação é dirigida à Santíssima Trindade. Rezamos e declaramos: “Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra... e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor... Creio no Espírito Santo”. É a nossa profissão de fé na Santíssima Trindade.

104. Sempre ouvimos dizer que a Santíssima Trindade é um “mistério”. Isso significa que acreditamos em algo além de nosso entendimento, incompreensível, totalmente desencarnado, algo que não tem nada a nos dizer? A palavra mistério (do grego *mysterion*, coisa secreta) está ligada a uma raiz verbal que significa também calar-se, ficar mudo ou iniciar-se nos rituais secretos da religião. Podemos também entender como contemplar, já que as palavras não bastam para narrar o que se vê.

105. Não podemos reduzir a fé apenas à aceitação intelectual dos dogmas, sem reconhecer neles “verdades” que nos encaminham para a contemplação do infinito, a eterna aspiração humana. Professamos um mistério, sim, e contemplamos nele o mistério de nossa vida.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

106. A Trindade é a última e definitiva perfeição, a meta última inalcançável pelo homem, mas sempre presente. Tentamos apresentar alguns entendimentos que nos ajudem a enxergar, no mistério da Trindade, analogias com a nossa vida. Não podemos esquecer, entretanto, que as palavras humanas não abrangem a totalidade. Estamos balbuciando e, como nos adverte São Paulo, “o nosso conhecimento é limitado... vemos como em espelho e de maneira confusa... mas quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado” (1Cor 13, 9.12).

Pai: a existência de Deus: quem pode desvendar esse mistério? Você, eu, nós: não pedimos para existir; existimos. É o mistério que nos acompanha desde a concepção. Como acolhemos a vida, um milagre e um presente, acolhemos a Deus Pai.

Filho: é o mistério de Deus que se comunica. Deus se apresenta ao mundo pelo Filho: por Ele, imagem de Deus, conhecemos o Pai e a Trindade. Por isso Ele é a Palavra/Verbo de Deus, “no começo voltada para Deus... nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a Palavra se fez homem e habitou entre nós... e deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam” (cf. Jo 1, 1-14).

Espírito Santo: o Amor entre as duas pessoas divinas, Pai e Filho, é tão real que está presente como Pessoa. O amor eterno e infinito vem completar o mistério e o faz retornar em unidade.

Por isso, em palavras que resumem a nossa aceitação do mistério, professamos que a Trindade é um só Deus: uno em natureza e trino em pessoas.

Santíssima Trindade em nossa vida

107. O que transcende a nossa cotidianidade, algo que parece dizer respeito só aos habitantes dos céus, tem algo a dizer a nós, humanos da Terra? A primeira consideração a ser colocada é que somos “imagem e semelhança de Deus”. Não para satisfazer a nossa vaidade e desejo de grandeza, mas por vontade do mesmo Deus. Entre as criaturas, o homem foi distinguido para ser a transparência do Criador. Distinção, sim, mas também responsabilidade para ser e agir como Ele, o modelo perfeito. Como imagem e semelhança de Deus, há comparações, por mais imperfeitas que sejam, entre a nossa realidade humana e a realidade revelada pelo Verbo de Deus. A partir de nossa experiência humana, de nossa vida amorosa, podemos ver, em nosso dia a dia, algo realizado infinitamente na Trindade.

108. O infinito amor - o Espírito Santo - é fecundo: o Pai gera o Filho Unigênito de Deus, “nascido antes de todos os séculos... gerado, não criado, consubstancial ao Pai” (Símbolo Niceno-constantinopolitano). Aqui, entre nós, o amor também é fecundo: “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou e os criou homem e mulher.



E Deus os abençoou e lhes disse: ‘sejam fecundos...’ (Gn 1, 27-28). “O casal que ama e gera a vida [nos ensina o papa Francisco] é a verdadeira ‘escultura’ viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador. Por isso, o amor fecundo chega a ser o símbolo das realidades íntimas de Deus (cf. Gn 1,28; 9,7; 17, 2-5.16; 28,3; 35,11; 48,3-4)”. (*Amoris Laetitia*, 11).

109. Iniciemos com a constatação de que a célula básica da sociedade, a família, que nos acolhe ao nascermos, é imagem e semelhança de Deus. Se nos é permitido fazer uma analogia entre Deus e nós, humanos, podemos dizer que tanto em Deus quanto no homem o amor é o elemento que une e que gera. Como o Pai expressa todo o seu amor no Filho, e o Filho é a realização desse amor, o homem tem na “sua” mulher a pessoa que é o termo do “seu” amor; vice-versa, a mulher encontra no “seu” homem a realização do “seu” amor. Ainda que as palavras não expressem, é esse amor, realidade vivida no dia a dia, que sustenta a vida e dá segurança para acreditar nela.

110. Por que não dizer que nisso está presente o Espírito, o Santificador, “Senhor que dá a vida”, conforme reza o Símbolo Niceno-constantinopolitano? Sem esquecer que nos foi revelado que Deus é Amor e que “o amor vem de

Deus” (1Jo 4, 7). Amor humano? Sim; quando verdadeiro, ícone do amor de Deus.

Santíssima Trindade, família de amor

111. Olhando para a família, nascida do amor e célula do amor, vemos uma trindade (t minúscula, mas sempre sagrada) em que o amor existe e partilha existência, como na Santíssima Trindade. Podemos, portanto, falar do homem/mulher como mistério. Se houver uma explicação para afirmar isso, a encontramos na analogia (a Bíblia fala em semelhança) com o mistério maior da Santíssima Trindade. Aliás, nem tanto explicação, trata-se mais de contemplação, porque o amor, antes de ser essencial para a vida, é a mais alta poesia apreendida não pela razão, mas pelo coração. Por isso, também aqueles que não professam a fé cristã podem apreciar a mensagem que nos chega da Trindade; basta ter sensibilidade e estar comprometidos com a verdadeira humanidade. “[...] A capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por meio do qual se desenrola a história da salvação. Sob esta luz, a relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade que, em Deus, contempla o Pai, o Filho e o Espírito de amor. O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente” (*Amoris Laetitia*, 11).

CAPÍTULO VI
Jesus Cristo, o Filho
do Pai Eterno



112. Com certeza, nunca conseguiremos explicar em toda a sua profundidade o mistério da Santíssima Trindade. Mas sempre podemos contemplá-lo como o vértice da existência e, por que não, modelo mais alto da vida humana e de toda a poesia que podemos nela encontrar. Quem nos faz vislumbrar todo esse mistério e toda essa poesia da vida é Jesus, o Filho de Deus, que nos fala insistentemente do Pai. Está neste mundo para nos apresentar o Pai, que conheceremos olhando para Ele, Jesus Cristo, “imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura” (Col 1, 15). “Quem me viu, viu o Pai”, garante ao discípulo Felipe que lhe pede para mostrar o Pai. E acrescenta: “Acreditem em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14, 9-11). E para que tudo fique mais clarividente, assegura e promete a vinda de quem poderá abrir os olhos para a Verdade: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. Então eu pedirei ao meu Pai, ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre. Ele é o Espírito da Verdade” (Jo 11, 15-17).

113. Nos evangelhos, e principalmente no Evangelho de São João, temos uma profunda reflexão da experiência dos apóstolos na convivência cotidiana com Jesus. Simples e fundamental a mensagem que Jesus Cristo quis revelar aos apóstolos, e, por eles, quis transmitir ao mundo: **Deus é Pai**. Por isso, o apóstolo Paulo, escrevendo aos cristãos da cidade de Éfeso, pode lhes comunicar: “Ele nos destinou para sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, conforme a benevolência de sua vontade... Ele nos fez conhecer o mistério da sua vontade, a livre decisão que havia tomado outrora de levar a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, sob uma só cabeça, Cristo” (Ef 1, 5.9-10). A romaria da humanidade avança em direção ao único verdadeiro templo e santuário: Jesus Cristo.

Deus é Pai e Mãe

114. Depois da experiência dos hebreus com o Deus dos exércitos, do Deus do amor ciumento, do Deus poderoso, Jesus vem mostrar que a verdadeira natureza de Javé, agora Deus universal, é o amor. Para que todos possam compreender esse amor, recorre à experiência que os filhos

têm de um verdadeiro amor: o da mãe e do pai. Jesus fala insistentemente do Pai, porque assim exigia a cultura do tempo, quando o homem era a figura central da família. Na Bíblia, entretanto, muitas vezes Javé compara o seu amor para com o povo ao amor de um pai e de uma mãe. Jesus é a confirmação desse amor.

115. Hoje, há quem acusa a Bíblia de “machismo” porque apresenta sempre Deus Pai e não fala em Deus Mãe. Sabemos que as palavras podem expressar uma concepção e uma visão de mundo, mas também podem ser insuficientes para expressar todo o pensamento e os sentimentos da pessoa. Uma das mais duradouras lembranças que se tem do papa João Paulo I, em seu breve pontificado, foi a catequese em que fez questão de dizer que Deus é Pai e Mãe, para, assim, todos entenderem que o amor de Deus é total. É isso que compreendemos quando Jesus fala no Pai: é o amor total de Deus que cuida de seus filhos. Aqui na Terra, mãe e pai são expressão e modelo de um amor, perfeito só em Deus, mas que aqui, apesar das imperfeições, é amor gratuito.

Um pai com o coração de mãe

116. Na Bíblia encontramos textos nos quais se fala em Deus com termos muito maternos. Pode-se, então, dizer que Deus tem um coração materno: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti” (Is. 49, 15). E quando Moisés se lamenta de ter de cumprir o mandato recebido de Deus no ocupar-se do povo, escolhe imagens femininas: Fui eu, porventura, que concebi este povo? Fui eu que o dei à luz para que me digas: ‘Leva-o em teu regaço, como a ama leva a criança no colo[...].?’ (Nm 11,12).

117. É claro que Deus não é nem pai nem mãe, no sentido antropológico que damos a estas palavras da nossa linguagem. Deus é Deus e a diferença dos sexos pertence ao nosso universo criado e não ao Criador. No entanto, é verdade que para falar de Deus na sua infinita riqueza não podemos fazer de outra maneira senão usar o duplice léxico:

masculino e feminino. Somente assim podemos fazer-nos uma ideia d’Ele e dispor de uma linguagem satisfatória para falar do ser mais íntimo de Deus. Em nosso país, mas também em outros idiomas, depois de muitas discussões a respeito, se chegou à linguagem chamada “inclusiva”. Dever-se-ia chamar a Deus tanto de pai quanto de mãe... Tentativas de acrescentar a todos os “ele”, com “ela”... Discussões controvertidas! Se é verdade que a linguagem deve excluir toda aparência de discriminação, é também verdade que os textos têm o direito de ser respeitados tal como foram escritos. Todavia, os textos podem variar, Deus não.

Jesus, o Filho de Deus Pai

118. Jesus “foi da Galileia para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João e ser batizado por ele” (Mt 3,13). A pregação de João Batista, que atraía “os moradores de Jerusalém, de toda a Judeia e de todos os lugares em volta do rio Jordão” (Mt 3,5), pregava a proximidade do Reino do Céu. Um reino, entretanto, ainda com a visão de Deus justiceiro e, portanto, “toda árvore que não der bom fruto será cortada e jogada no fogo”. Admite, entretanto, que “aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhes as sandálias. Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com o fogo... recolherá seu trigo no celeiro, mas a palha ele vai queimar no fogo que não se apaga” (Mt 3,11).

119. João Batista é mensageiro da visão religiosa que o povo hebreu mantinha diante de uma situação geral de injustiça e violência. As elites religiosas tinham esquecido as palavras do profeta Isaías que revelavam qual era a vontade do Deus de Israel e faziam da religião um instrumento de opressão, que era agravada pelos impostos e injustiças dos dominadores romanos. A expectativa de um deus poderoso, como aquele que tinha esmagado os inimigos, quando os hebreus entraram na Terra Prometida, era canalizada na expectativa do Messias, o “salvador da pátria”, aquele que ia restaurar o reino de Israel na terra.

120. Também João Batista falava num Reino do Céu, mas esse Reino ainda não era precisamente o mesmo que Jesus

iria anunciar, depois que recebeu o batismo de João. Jesus teve de insistir até com os seus discípulos contra a versão de Reino que estava no imaginário popular corrente. São Pedro levou uma descompostura quando quis repreender Jesus e esclarecê-lo de que não era digno e oportuno o Messias sofrer, ser rejeitado, ser morto. E Jesus, levantando a voz, o apostrofa: “Fique longe de mim, Satanás! Você não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens” (Mc 8,31-33). A experiência que Jesus tem e sua convicção profunda é bem diferente. Numa reflexão teológica e histórica, partimos do que afirma o Evangelho de João: “E a Palavra/Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14).

Céu e terra: novo relacionamento

121. Se nas várias mitologias encontramos deuses que assumem feições humanas para agir entre os homens e, muitas vezes, para enganá-los, quando falamos da Encarnação do Filho não se afirma que Deus assume somente feições humanas, mas a mesma natureza humana. Há autores que, ao considerar a Encarnação do Filho de Deus, chegam a falar em “dessacralização” do sagrado. O que isso significa?

122. A palavra *sagrado* etimologicamente significa separado, cortado. E sempre tinha sido assim. Uma coisa era a humanidade; realidade bem diferente e transcendente, a divindade. A natureza sagrada dos deuses era o verdadeiro oposto da natureza humana, material. A divindade era o que foi chamado de “numinoso”: diante dela o homem fica extasiado; ao mesmo tempo ela é “tremenda”: em sua presença o homem é tomado pelo medo, treme.

Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem

123. Ao realizar a união entre o divino e o humano, Jesus, Filho de Deus Pai, zera a distância entre o transcendente e o imanente. Depois disso, chega-se a Deus através da humanidade divina, ou da divindade humana. A humanidade tornou-se sagrada: não é mais “cortada”, “separada”. Tem razão os que indicam a “dessacralização” do sagrado realizada por Jesus Cristo, mas ao mesmo

tempo podemos falar em sacralização de toda a realidade humana. Por isso, como veremos mais adiante, não podemos chegar a Deus a não ser através do homem e da mulher, do irmão, do próximo.

124. “Pessoas de fé e pessoas sem fé não podem não concordar que, dessacralizando o sagrado, Jesus é ‘escândalo’. É efetivamente escandaloso que a “imagem” que assinala o Pai que está nos céus seja a mesma que diz que ao Pai não se chega a não ser amando o homem sobre esta terra. Aqui homens com fé e homens sem fé são convocados pela mesma mensagem que é escândalo para os sacerdotes do templo que imediatamente o percebem assim, escândalo também para os publicanos e as prostitutas que ouvem serem chamados por um Deus que renunciou à sua transcendência que, no fundo, é a separação do homem” (Umberto Galimberti. *Cristianesimo, religione dal cielo vuoto*. Milano, Feltrinelli, 2012).

125. A sacralização do humano torna evidente que todos os homens são iguais diante de Deus e, portanto, entre si devem se relacionar nos termos daquele amor que, antes do cristianismo, era reservado somente a Deus. O homem, então, deve considerar os outros não como inimigos potenciais, mas como o seu próximo, que deve ser tratado como cada um trata a si mesmo. Jesus Cristo nos diz que Deus não é mais o “tremendo”, inspirador de medo; será sempre “luminoso”, fascinante porque agora se apresenta como *agapé*, o amor incondicional.

Jesus: Filho de Deus Pai

126. “Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. E do céu veio uma voz, dizendo: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada’” (Mt 3,16). Após quarenta dias no deserto, em que supera tentações e conflitos interiores, “Jesus voltou para a Galileia, pregando a Boa Notícia de Deus: ‘O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia’” (Mc 1,14-15). O relato do batismo nos apresenta a profunda experiência mística de Jesus. O Espírito, na forma da pomba, símbolo da paz,





confirma a declaração tão firme de Deus: “Tu és o meu Filho amado”. Jesus toma consciência de que, daqui para frente, sua missão será a de ser revelação de Deus no mundo dos homens, de ser imagem visível do Pai.

127. Nos Evangelhos, aprendemos que Deus não mora mais nos lugares sagrados que eram reservados aos deuses dos antigos; também não mora no templo de Jerusalém, que os hebreus consideravam habitação de Javé. Não existe mais um lugar sagrado, pois temos um deus “profano” (palavra que significa ‘fora do lugar sagrado’), um Deus Pai que está onde estão os seus filhos e todas as suas criaturas. “Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d’Ele: ‘Não se vendem cinco pássaros por duas pequeninas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante de Deus’ (Lc 12,6). ‘Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste as alimenta’ (Mt 6,26)” (Laudato Sí’, n. 96).

Mensagem de Jesus

128. Vejamos, então, o que o Verbo/Palavra afirma a respeito de Deus e de sua proximidade com Ele. Revelação - “Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”. Não é apenas porque somos inteligentes e sabidos que entenderemos a mensagem básica e a revelação fundamental proclamada por Jesus: “Deus é Pai”. É o coração que capta a profundidade e a beleza da nova perspectiva de olhar para Deus: o Pai do céu está presente no Filho Unigênito que, homem, está no meio dos homens: “Quem me viu, viu o Pai... Acreditem em mim: eu estou no Pai, e o Pai está em mim” (Jo 14, 9.11). A fé exige a adesão do coração. Acreditar é colocar o coração no que é vital.

Relação de amor com o Pai

129. A experiência que Jesus tem na sua relação com Deus é uma relação de imenso amor. Como expressar isso? Nada

melhor do que pedir emprestada a expressão de carinho, de profundo afeto com que as crianças do seu tempo se dirigem ao Pai: *Abbá*, isto é, “meu pai”, “pai querido”, “paizinho”. A experiência do coração humano é a porta pela qual podemos entrar no conhecimento - melhor, no sentir - o coração de Deus. Agora, mais do que nunca, entre a divindade e a humanidade não há mais distância. Por isso: “Eu não chamo vocês de empregados; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo, 15,15). Portanto, “quando rezarem, digam: ‘Pai...’” (Lc 11,2).

130. No Novo Testamento a qualidade de “pai” dirigida a Deus se torna habitual e familiar especialmente pelo uso que o próprio Jesus faz. Jesus não é somente a imagem da misericórdia divina (Lc 15,2; Mt 11, 25-27). Ele nos arrasta também a nós para a relação única com seu Pai, que chama *Abbá*, Pai, (Mc 14,36), expressão de uma profunda confiança filial. Exatamente nesta relação com Deus, vivida particularmente na oração, a paternidade de Deus para o homem assume todo o seu significado. Cada um de nós é amado profundamente por Deus. Como na antiga aliança, o amor terno de Deus se irradia também sobre a Nova Aliança, sobre a realidade da sua criação que se torna assim um sinal da ternura divina (Mt 6,19-34 à luz de Mt 6,33): procurai o reino de Deus. Jesus recebe tudo do Pai, vive no Pai e o Pai nele. O Pai é o princípio sem princípio, o amor como entrega total.

Jesus, o Filho amado

131. Jesus é o Filho amado do Pai. Quando Jesus sobe das águas do Jordão, após ter recebido o batismo de João, ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo. (Mc 1,11). Essa é uma revelação messiânica: “o eleito-amado” era o servo de Deus (Is42,1), ao qual depois se uniu o apelativo de “filho” (cf Sl 2,7). Marcos une os dois aspectos: o Filho amado de maneira única por Deus - cuja origem divina se afirma aqui junto com toda a atitude filial de Jesus - e o servo que deverá realizar a missão salvífica, com humildade e dor. Convém fixar a atenção nas palavras “meu Filho amado”. Expressam uma relação particular e profunda entre Deus que fala a Jesus, a quem apresenta

de modo exclusivo como seu próprio Filho, pertencente a Deus e amado por Ele. Estas palavras devem interpretar-se em sentido de uma comunhão e de uma pertença recíproca no ser e no amor, que estabelece uma relação fundamental e única entre o Pai e o seu Filho. Por isso, se afirma de Jesus que Ele é o verdadeiro e o único Filho de Deus. Trata-se de uma solene revelação de sua filiação divina, original, em que se sublinha o aspecto do amor, que une o Pai e o Filho em uma dimensão docíssima e pessoal. Percebe-se – nas palavras “o meu filho amado” toda força e a contemplação com que o Pai proclama a Jesus seu Filho e o envolve com seu amor infinito. Neste sentido, as palavras do Evangelho vão mais além do horizonte vétero- testamentário, porque não apenas são a repetição da profecia messiânica, mas também contém um anúncio novo e superior.

Jesus, o Filho obediente

132. Jesus é o Filho obediente ao Pai. Jesus mostra com prontidão sua disponibilidade filial, imediatamente depois do batismo, quando supera as tentações do maligno. Ante as propostas sedutoras e sugestivas de Satanás, que correspondem à mentalidade terrena e obtusa tanto de Israel como do mundo, Jesus elege com lucidez e firmeza a vontade sapientíssima do Pai. Confia em sua fidelidade e em seu amor, antepondo os modos de pensar e de atuar de Deus aos dos homens. Jesus respeita a Deus em seu mistério de salvação, que as insinuações de Satanás haviam posto na tela do juízo, e reconhece a primazia do desígnio do Pai. Jesus, enquanto Filho amado do Pai, conservou inalterada sua comunhão e confiança n’Ele. Esta atitude de total união ao Pai acompanhará Cristo durante toda a vida, ainda que se repitam os ataques de Satanás, como deixa entender São Lucas quando afirma, na conclusão do relato das três tentações: “E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele até chegar a hora” (Lc 4,13). A hora da qual Lucas fala pode ser em sentido especial a de sua paixão e morte e, mais em particular, a todas as lutas e as dificuldades que Jesus teve que enfrentar na vida pública, para permanecer fiel ao projeto divino. Ele quis superar tanto os julgamentos de seus adversários judeus, que refletiam a mentalidade de um messianismo terreno e legalista, como as incompreensões dos próprios discípulos, que não compreenderam o verdadeiro

significado de sua obra messiânica (cf. Mt 16, 23) e no fim de sua vida terrena (cf. Mt 20,23), o traíram, renegaram e abandonaram. Em todas estas situações aflora sempre o mesmo espírito maligno que queria induzir Jesus a abraçar um messianismo diferente da vontade do Pai. E o seu abandono filial ao Pai o permitiu superar as tentações e a reforçar sua intimidade com o Pai, como servo obediente até à morte.

Jesus, o Filho que confia no Pai

133. Jesus é o Filho que confia na oração ao Pai. No Novo Testamento, a qualificação de “pai” dirigida a Deus torna-se habitual e familiar especialmente pelo uso que o próprio Jesus dela fez. Escreve o biblista J. Jeremias: “Os Evangelhos colocam a palavra ‘pai’ na boca de Jesus dirigida a Deus não menos de 170 vezes e a estas se acrescentem 250 menções no resto do Novo Testamento. Os estudiosos, além disso, concordam no reconhecer no termo ‘pai’ a referência autêntica e original de Jesus a Deus, aliás, sua ipsissima vox (própria voz). Jesus, quando fala de Deus, quase sempre, usa o nome de “Pai”, poucas vezes aquele de “Deus” Mt 5,8-9; 23,22) e raramente os outros nomes utilizados no NT, tais como o “Senhor”: cf. Mc 4,10), “Sabedoria”: cf. Lc 7,35), “Poder”: cf. Mc 14,62), “Céu”: cf. Lc 15, 7. 18. 21). O profeta de Nazaré, portanto, realiza uma inovação em relação ao Deus de Israel, mostrando que Deus é o Deus da graça, antes de ser o Deus da lei (cf. Jo, 1,17). Por isso Jesus, com a sua pregação sobre o “reino de Deus”, chama todos à conversão e convida a entrar em relacionamento novo com Deus com a mesma sua compreensão filial e invoca-o como “Abbá” (Paizinho) do jeito da criança e do pobre (cf. Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6). Jesus assim anuncia o mesmo Deus de Israel, mas põe em relevo um novo horizonte, aquele da sua universal paternidade misericordiosa, de modo especial para com os pecadores e os afastados”.

Jesus, o Filho que conhece o Pai

134. Jesus, na sua pregação, falando-nos de Deus, afirma antes de tudo que ele é o único que pode revelar o mistério do Pai, porque ele, qual Filho de Deus e em força da sua autoridade, é o único que o conhece; “Tudo me foi dado por meu Pai; ninguém conhece o Filho senão o Pai

e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,27). “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele, obediência à Palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância” (Documento de Aparecida, n. 133).

Jesus, o Filho que nos fez irmãos

135. A revelação que Jesus fez sobre Deus encontra o ponto central do seu ensinamento na paternidade divina para com cada homem e mulher. Paternidade, portanto, não mais dirigida apenas ao povo de Israel, como afirmavam as antigas Escrituras, mas dirigida a todos aqueles que acolhem a palavra do Filho e se tornam entre si irmãos em Cristo. Estes formarão a comunidade dos filhos de Deus, que compreenderá também os pagãos e que substituirá os “filhos do reino” (Mt 8, 12; 25,32). Paternidade, além disso, não só em sentido coletivo, mas que diz respeito a cada pessoa tomada individualmente, que afinal poderá dirigir-se a Deus com o mesmo nome utilizado por Jesus: “Abbá, (Mc 14,36; Gl 4,6; Rm 8,15).

Jesus, caminho que leva ao Pai

136. A expressão *abbá*, papai, típica da linguagem familiar, nos lábios de Jesus não exprime só a relação “filial” que ele tem como Deus, especialmente na oração, mas constitui uma novidade absoluta no ambiente do judaísmo palestino do seu tempo. Tal nome, com efeito, pronunciado pelos judeus, soava como profanação da própria divindade; porém, dito por Jesus, *abbá*, papai, manifestava uma relação de confiança e de intimidade com Deus. Afirma o biblista J. Jeremias (*Abbá, Pai*. Paidéia: Brescia, 1968, p. 57): “Os estudiosos, examinando os ditos de Jesus, e em particular as suas orações, chegaram à conclusão que os extratos da tradição evangélica são concordes em afirmar não só que Jesus usou [Pai] em todas as orações, com a única exceção do grito na cruz, (Mc 15,34; “Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?” onde a invocação ‘Meu Deus’ estava já no texto do salmo. O testemunho constante da tradição, mostra independente do problema da autenticidade das várias orações, como o uso da invocação ‘Pai’ fosse radicada

solidamente na tradição das palavras de Jesus” [1] Tudo isto põe à luz não apenas que Jesus é o perfeito revelador do Pai e o único mediador para conhecer Deus como Abbá, mas também que o próprio Jesus se torna um caminho único do homem para ter acesso à comunhão e à experiência de DeusPai.

O Pai, meu Pai, vosso Pai

137. Mas para conhecer qual é o sentido que Jesus atribui nos evangelhos à palavra pai, precisa ter presente três expressões que ele utiliza quando fala de Deus. São elas: “O Pai”, expressão usada 73 vezes por João e uma só vez por Marcos e Mateus (cf Mt 13,32; Mt 28,19). Esta fórmula indica a grandeza e a transcendência de Deus unida ao seu amor misericordioso, e que ele é a fonte de todas as coisas e da própria revelação. Além disso, a expressão “Meu Pai!”, usada por Jesus só 25 vezes em João, 14 em Mateus, 4 em Lucas e uma vez em Marcos (8,38), sublinha a relação especial de Jesus com o Pai, e a paternidade de natureza única de Deus em relação a Jesus, seu Filho, nitidamente distinta daquela dos discípulos, filhos de Deus por adoção e por graça. Jesus, falando de Deus desta maneira, se distingue dos discípulos e abre um novo período na história humana pelo simples fato que jamais um homem havia ousado chamar a Deus como nome de “meu Pai”. Enfim, a fórmula “Vosso Pai”, aplicada a Deus não tanto como o pai de todos os homens, mas como pai dos discípulos, isto é daqueles que acolhem a pregação do reino de Deus com todas as suas conseqüências, põe em evidencia o grande dom que os torna “filhos de Deus” e concede-lhes a salvação escatológica. A eles Deus manifesta o seu amor paterno, estando sempre pronto ao perdão e vindo em auxílio em todas as suas necessidades.

Viver como irmãos, filhos do mesmo Pai

138. O que Jesus comunicou – colocou em comum – aos seus discípulos? Querem se tornar verdadeiros filhos de Deus? Para isso “Amem os seus inimigos e rezem por aqueles que os perseguem! Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre os maus e sobre os bons, e a chuva cair sobre justos e injustos... Sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês

que está no céu” (Mt 5, 44-48). Aqui, um comentário. Bem diferente seria a nossa sociedade, bem outros os tempos atuais em que vemos dominar a injustiça e a violência. Por isso, a proposta vinda de Deus deveria ser acolhida por todos, crentes e não crentes, por ser o mais alto gabarito de humanidade. É o caminho para voltar ao verdadeiro paraíso terrestre, onde vive o homem/mulher, imagem e semelhança de Deus, o mais alto ideal humano, independente do nome que se dê a este Deus. O caminho para Deus é caminho para a perfeição humana.

A generosidade de Deus Pai

139. Deus, Pai generoso e “justo”. Ninguém mereceu a vida: a recebemos como um presente fruto do amor. Do mesmo modo, podemos dizer que o homem e a mulher receberam a terra, criação vinda do amor do Pai que cria da melhor maneira, e “viu que era bom”. Podemos perceber no Evangelho que a imagem do Pai que Jesus quer nos apresentar é continuação daquilo que ocorreu “no princípio”, quando Deus criou o céu e a terra e o homem/mulher para habitá-los (não esqueçamos que o céu também é nossa habitação). A encarnação de Jesus é a imersão da divindade na natureza, no nosso mundo; é redenção também das realidades terrenas. Tudo o que recebemos é para ser considerado “graça”.

140. Deus é o Pai generoso, é o senhor da “graça”, é quem dá “grátis” sol e chuva a todos, merecedores ou não. Enfim, Jesus mostra um Deus que não se deixa levar pelas leis humanas, “racionais”, da oferta e da procura, um deus banqueiro e oportunista do “toma lá, dá cá”. Cadê a “justiça distributiva”, o dar a cada o que é dele, que é uma das definições clássicas de justiça? Deus não é “justo”? Por que paga o mesmo salário aos trabalhadores que “suportaram o cansaço e o calor do dia inteiro” e aos que trabalharam somente uma hora? Qual a motivação dessa aparente “injustiça”? “Por acaso, não tenho o direito de fazer o que eu quero com aquilo que me pertence? Ou você está com ciúme porque estou sendo generoso?” (Mt 20, 15). As atitudes desse Deus generoso levam às últimas consequências as atitudes que encontramos ao longo da Bíblia. O Deus que age com “parcialidade” em favor do povo hebreu – parcial sem constrangimentos por ser o

“Deus de Israel” – aos poucos adota outra parcialidade: a que privilegia os fracos, pobres, viúvas, órfãos; os que chamamos de marginalizados nas “periferias existenciais”. O mundo é entregue a todos, a morada de Deus está aberta a todos, mas o coração de Pai se volta, sobretudo, para os filhos mais fracos, vulneráveis e necessitados.

141. A etimologia da palavra “justiça” mantém a raiz latina de *jus* – jugo ou canga imposta aos bois atrelados ao arado. Justiça, na sociedade humana, não é algo dispensável; é resultado de regras e comportamentos impostos para manter a ordem social a todo custo e, uma vez desprezados, vem a punição. A “justiça” do Abbá, do Pai, é bem diferente: é a sua vontade que exige misericórdia, benevolência e cuidado com os mais indefesos. É justiça *sui generis*, a justiça que Jesus exige dos seus discípulos e que “vai além da justiça dos Doutores da lei e dos fariseus”. É a justiça do pai e da mãe que dão o melhor bocado ao filho doente e fraco.

142. É por isso que Jesus, o Verbo que expressa a vontade de Deus Pai, pôde dizer: “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo e eu lhes darei descanso. Carreguem a minha carga e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas vidas. Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,28-30). Desse ir ao encontro repousante com Jesus nasce o discipulado e a experiência da comunhão missionária. “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão ‘reveste essencialmente a forma de comunhão missionária’” (Evangelii Gaudium, n. 23).

Deus Pai acolhedor

143. Pai acolhedor, sempre! Deus Pai se revela totalmente na parábola do Filho Pródigo, que lemos no Evangelho de Lucas (15, 11-32). Não é necessário delongas em comentar a parábola tão conhecida que, por si só, desperta comoção e caracteriza a atuação de Deus. O pai que a contragosto fez a vontade do filho descabeçado, o pai que teria todas as razões do mundo para afrontar o filho que volta abatido e derrotado... “Quando ainda estava longe, o pai o avistou



e teve compaixão. Saiu correndo, o abraçou e o cobriu de beijos”, e encomendou a festa.

144. A fidelidade do irmão mais velho é garantia de uma constante atenção por parte do pai, mas o que suscita a alegria incontida é a volta do filho desgarrado. É a alegria do pastor que convoca os amigos para festejar: “Alegrem-se comigo! Eu encontrei a minha ovelha que estava perdida” (Lc 15, 3-6). É a festa da mulher que encontra a moeda que tinha perdido (Lc, 15, 8-9). Teríamos a coragem de falar o que Jesus declarou? “Haverá no céu maior alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (Lc 15, 7). Encontraremos muita coisa insuspeitada quando formos para o céu, “coisas” do Abbá, do Pai misericordioso e acolhedor.

Deus, Pai presente

145. Já foi falado que Deus nunca se ausenta de nossas vidas. É bom insistir. Há vozes de poetas que cantam a sensibilidade do Deus Pai, pois, o espírito de Deus “sopra onde quer”. O poeta indiano Rabindranath Tagore cantou: “Deus se cansa dos grandes reinos, nunca das pequenas flores”. São palavras que fazem eco ao que Maria de Nazaré, ciente das maravilhas que Deus ia proporcionar à humanidade com a Encarnação do Filho, já tinha entoado há muitos anos: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor... Ele dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes, aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias” (Lc 1, 46.51-52).

146. Mais uma vez podemos voltar ao Antigo Testamento para entendermos algo mais de como Deus quer ser visto por nós. Ao pedido de Moisés para que Deus revelasse seu nome e assim valorizasse a missão que lhe era confiada, a resposta foi: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3, 14). Javé não é um nome, é uma relação, tanto assim que faz questão de se apresentar como o “Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. E conclui: “Esse é o meu nome para sempre, e assim eu serei lembrado de geração em geração” (Ex 3, 15). Enfim, “Eu

sou aquele que está presente”.

147. Em Isaias (52,6), ouvimos: “O meu povo reconhecerá o meu nome; nesse dia [do resgate da escravidão e do exílio] compreenderá o que eu dizia: ‘Aqui estou’”. E logo adiante, no mesmo livro de Isaias, Deus confirma: “Você clamará, e Javé responderá; você chamará por socorro, e Javé responderá: ‘Estou aqui’. Isso se você tirar do seu meio o jugo, o gesto que ameaça e a linguagem injuriosa; se você der o seu pão ao faminto e matar a fome do oprimido” (Is 58, 9-10). Aprende-se na Bíblia que Javé se manifesta sempre como o Deus de alguém. Não se declara Deus de uma terra, de uma instituição nacional. Ele é o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó; é o Deus Pai de Jesus Cristo, nosso irmão que nos representa; portanto, é nosso Pai.

O Reino de Deus

148. Insistimos: é o Deus Pai que privilegia os que a sociedade marginaliza. Por isso: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence” (Lc 6, 20). O Reino onde a lei soberana é a lei do amor. “Aprendam o que significa ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’. Porque eu não vim para chamar os justos, e sim os pecadores” (Mt 9, 13).

149. O anúncio do Reino de Deus é algo tão inesperado e incompreensível pela “razão humana” que só pode ser compreendido pela categoria do coração. Uma vez compreendido, entretanto, é um tesouro, riqueza verdadeira e inesgotável de quem o descobre. “O Reino do céu é um tesouro escondido no campo... é como uma pérola de grande valor”. Uma vez encontrados, para comprá-los vale a pena vender todos os bens, pois se tornaram supérfluos (Mt 13, 44-46). Para acolhê-lo, o Reino requer disponibilidade. Ricos não seguem a Jesus, a não ser despojando-se de sua arrogância cevada pela riqueza. Também a religião, quando se torna monopólio de um grupo que, por meio dela, exerce poder opressivo sobre pessoas e consciências, torna-se alvo das palavras iradas de Jesus: “Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que o desejam” (Mt

23, 13). Só Deus, o único Mestre verdadeiro e único Pai, “pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu” (Mt 23, 9), é quem merece a nossa confiança.

150. O Evangelho todo é o anúncio da boa notícia: o Reino de Deus está próximo, está no meio dos homens. Jesus não promete facilidades para quem se dispõe a entrar nele; ser filhos de Deus é tarefa que gera responsabilidade e embates. “Quem quiser ser meu discípulo, carregue a cruz”, diz Jesus, que não espalha ilusões: “Não pensem que eu vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz, mas sim a espada” (Mt 10, 34). O nível da perfeição a ser alcançado é altíssimo: a perfeição do Pai. O amor é exigente: construir uma nova sociedade requer que sejam assumidas responsabilidades e superadas muitas dificuldades. Mas é o caminho para alcançar o mundo novo que ansiamos. O “tesouro” vale o sacrifício.



CAPÍTULO VII

A sociedade e o Reino de Deus



151. É possível salvar a humanidade? Atualmente é difícil encontrar pessoas satisfeitas com a vida que se leva e com a sociedade em que vivemos. Falar em salvação é falar também do dia a dia e de nossas vidas que merecem mais alegria do que, normalmente, experimentamos. Por incrível ou não razoável possa parecer, eu colocaria aqui, ao me referir à nossa cotidianidade, o problema da fé. Isso porque o ato de fé não está exclusivamente nos dogmas, em acreditar apenas intelectualmente em algo que nos foi proposto como “artigo de fé”. Os dogmas e os artigos de fé são canais que apontam para verdades que, assumidas, nos tornam participantes da “divinização”, uma vez que a divindade se humanizou. Fé é a minha disposição e capacidade de estar aberto ao infinito. É próprio de quem vive numa dimensão que transcende o dia a dia rasteiro, que não se deixa enredar pela riqueza pregada pelo consumismo atual, mas aspira à riqueza que é o Reino.

Fé cristã e compromisso social

152. Ao rezarmos o *Creio em Deus Pai todo-poderoso*, a nossa profissão de fé, é bom lembrar que a palavra *Creio* encerra em si, em sua origem, o apelo ao coração (raiz indoeuropeia *kerd*=coração). Crer significa “colocar o coração” no que professamos, colocar nossos sentimentos, nosso afeto, toda a nossa confiança. *Fides* em latim, de onde a nossa palavra “fé”, era o juramento que comprometia ambas as partes na observância de um pacto bem firme. Uma profissão de fé é um sério compromisso, é fidelidade. Ter fé significa, então, ter presente de que nos comprometemos a viver e a realizar um ideal, e ter certeza de que o nosso ideal – o Reino de Deus – faz sentido. Há os que afirmam que isso é possível somente no “outro mundo”. A fé, pelo contrário, nos diz: “Por que não iniciar a viver agora, desde já, o que será vivido na perfeição do outro mundo? Por que esperar o momento da morte para acolhermos a salvação e libertação trazidas pela Encarnação do Filho de Deus? Será que Deus cancelou o projeto de um paraíso terrestre, desanimado diante da temeridade de sua criatura?”.

153. “O fato de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos tenham vida n’Ele, leva-nos a assumir evangelicamente, e a partir da perspectiva do Reino, as tarefas prioritárias para a dignificação do ser humano

e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano. [...] É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidade para todos. Igualmente requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais” (Documento de Aparecida, n. 384).

Fé e sentido de vida

154. Ter fé é, também, olhar para este mundo como algo que “tem sentido” e descobrir em nossa vida, em nosso dia a dia, a centelha do divino que se abriga em nossa humanidade. Apesar de estarmos diante de uma realidade que muitas vezes nos amedronta, ter fé significa ter consciência de que à morte de Cristo seguiu a ressurreição, e isso sempre poderá ser tomado como paradigma para a vida que, apesar dos pesares, tem em si a seiva que a pode regenerar.

Universalidade da fé

155. A mensagem de Cristo – o Reino do Abbá/Pai – nos apresenta um reino que não é deste mundo, do mundo em que não domina a vontade dos poderosos. O Reino do Abbá, do Pai é onde todos são irmãos, conscientes dessa irmandade. Disso surge também o sentido universalmente ecumênico do cristianismo. Não se trata mais de “igrejinhas”, cada uma cuidando do seu quintal. Trata-se de uma aliança de Deus com os homens, “católica” no sentido originário da palavra, isto é, universal. E isso coloca em nossos ombros mais uma responsabilidade: a de não afastar ninguém da casa do Pai, onde há lugar para todos, de qualquer parte do mundo venham, qualquer a bagagem que carreguem. Todos, na alegria de ter alcançado a meta, cantando:

“Quem vai, vai chorando
a semear sua semente.

Ao voltar, voltará cantando,
a carregar o seu trigo” (Sl 125).

Praticar a justiça

156. O significado originário da palavra política é “justiça na sociedade”, condução correta da sociedade ao serviço do bem comum. A fé tem algo a ver com isso? Em sua mensagem *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho* -, papa Francisco diz que não se pode relegar a religião para a intimidade secreta das pessoas “sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos... Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos”. Portanto, embora ‘a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política’, a Igreja ‘não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça’” (n. 183).

Exercer o poder como serviço

157. Os apóstolos discutiam entre si sobre qual deles deveria ser considerado o maior. Jesus cortou a discussão e os advertiu: “Os reis das nações têm poder sobre elas, e os que sobre elas exercem autoridade, são chamados de benfeitores. Mas entre vocês não deverá ser assim. Pelo contrário, o maior entre vocês será como o mais novo, e quem governa será como aquele que serve” (Lc 22, 25-26). Jesus prosseguiu: “Eu estou no meio de vocês como quem está servindo. Vocês ficaram comigo em minhas provações. Por isso, assim como meu Pai confiou o Reino a mim, eu também confio o reino a vocês” (Lc 22, 27-29). Falamos de política, da “justiça na cidade”, do serviço ao bem comum. Lembramos, em primeiro lugar, que a palavra autoridade vem do latim *auctoritas*, termo derivado do verbo *augére*, que significa “fazer crescer”. A finalidade do exercício da política é “fazer crescer” as pessoas. E o que é a justiça de Deus, a sua vontade, a não ser isso mesmo?

158. Ao longo da história, especialmente ocidental, podemos perceber que o princípio da igualdade entre as pessoas foi, aos poucos, se introduzindo nas teorias e concepções políticas, até chegar à Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, em 1948, que, em seu primeiro Artigo declara: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”. Bem antes dos Iluministas do século XVIII, da Revolução Francesa e da Declaração da ONU, há quase dois mil anos, contrariando a prática das elites, Jesus Cristo definiu o que é a verdadeira democracia e como deve ser a prática política: “Quanto a vocês, nunca se deixem chamar de Mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. Na terra, não chamem a ninguém de Pai, pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu. Não deixem que os outros chamem vocês de líderes, pois um só é o Líder de vocês: o Messias. Pelo contrário, o maior de vocês deve ser aquele que serve a vocês” (Mt 23, 8-11).

159. A prática ao longo dos séculos, instalada até por mestres e pais que se autodenominaram cristãos, talvez, não correspondeu à “intimação política” de Jesus. Mas o princípio, nascido da profunda experiência da paternidade de Deus que se manifesta e se impõe na fraternidade humana, é sempre um apelo para uma verdadeira democracia. Nela, as autoridades devem cumprir com sua missão explicitada até na palavra que as designa: autoridade, quem faz crescer, quem engrandece a vida. É decisivo que as autoridades tenham consciência de que governar é servir, e é desejável que encontrem na “autoridade máxima”, o Messias, o exemplo: Jesus serve à mesa e lava os pés dos discípulos. Sendo que o serviço de Jesus – autoridade – se colocou à disposição, principalmente dos excluídos – pobres, marginalizados e desprezados – temos um convite (mais que convite, uma determinação) para as autoridades, os que “fazem política”, se colocarem à disposição principalmente dos atuais marginalizados e das camadas sociais desprezadas e esquecidas.

Repartir o pão, saciar a fome

160. No Evangelho de Marcos (6, 31 ss.) temos uma passagem que é comovedora. Jesus e os discípulos precisam

de um pouco de descanso. Por isso, “foram sozinhos, de barca, para um lugar deserto e afastado”. Não adiantou: “Muitas pessoas os viram partir. Sabendo que eram eles, saíram de todas as cidades, correram na frente, a pé, e chegaram lá antes deles”. A expectativa do descanso foi quebrada. “Quando saiu do barco Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque eles estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a lhes ensinar muita coisa” (Mc 6, 34).

Quando os discípulos propuseram que o povo fosse despedido, tendo ficado tarde e o lugar deserto não oferecia recursos para matar a fome, Jesus os desafia: “Vocês é que têm de lhes dar de comer”. A compaixão de Jesus gerou o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, para uma multidão matar a fome. Narra o Evangelho: “O número dos que comeram os pães era de cinco mil homens” e ainda foram recolhidos doze cestos cheios com as sobras de comida. Não precisamos de mais palavras para apresentar aos políticos e autoridades o ideal de um governo baseado numa verdadeira democracia e no serviço que devem prestar, compromisso assumido diante do povo. É a missão de quem – com fé religiosa ou fé na vida, o que não é tão separado – se dedica à política. Com “compaixão”, isto é “sentir com”, ter os sentimentos e expectativas daqueles que precisam de ajuda, daqueles a quem deve ser prestado o serviço.

161. Em Goiânia, realizamos uma importante iniciativa social denominada Jornada da Cidadania. Esse evento é promovido pela Arquidiocese de Goiânia e pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, além do apoio de vários municípios da região metropolitana de Goiânia, do Estado de Goiás, de instituições, empresas, corporações e organizações não governamentais. O símbolo desse evento, criado pelo artista Siron Franco, é um pão e um peixe, evocando o milagre da multiplicação e a responsabilidade dos discípulos missionários em trabalhar pela partilha da comida e dos bens sociais, a serviço da vida. Esse milagre da multiplicação, parece ter acontecido também conosco. Com limitados recursos, durante 4 dias de convergência de esforços e realizando um grande mutirão social e pastoral, iniciamos a primeira experiência, há 12 anos, promovendo no primeiro ano, em 2005, a quantia de 20 mil atendimentos gratuitos na área da saúde, educação, cultura, pastoral,

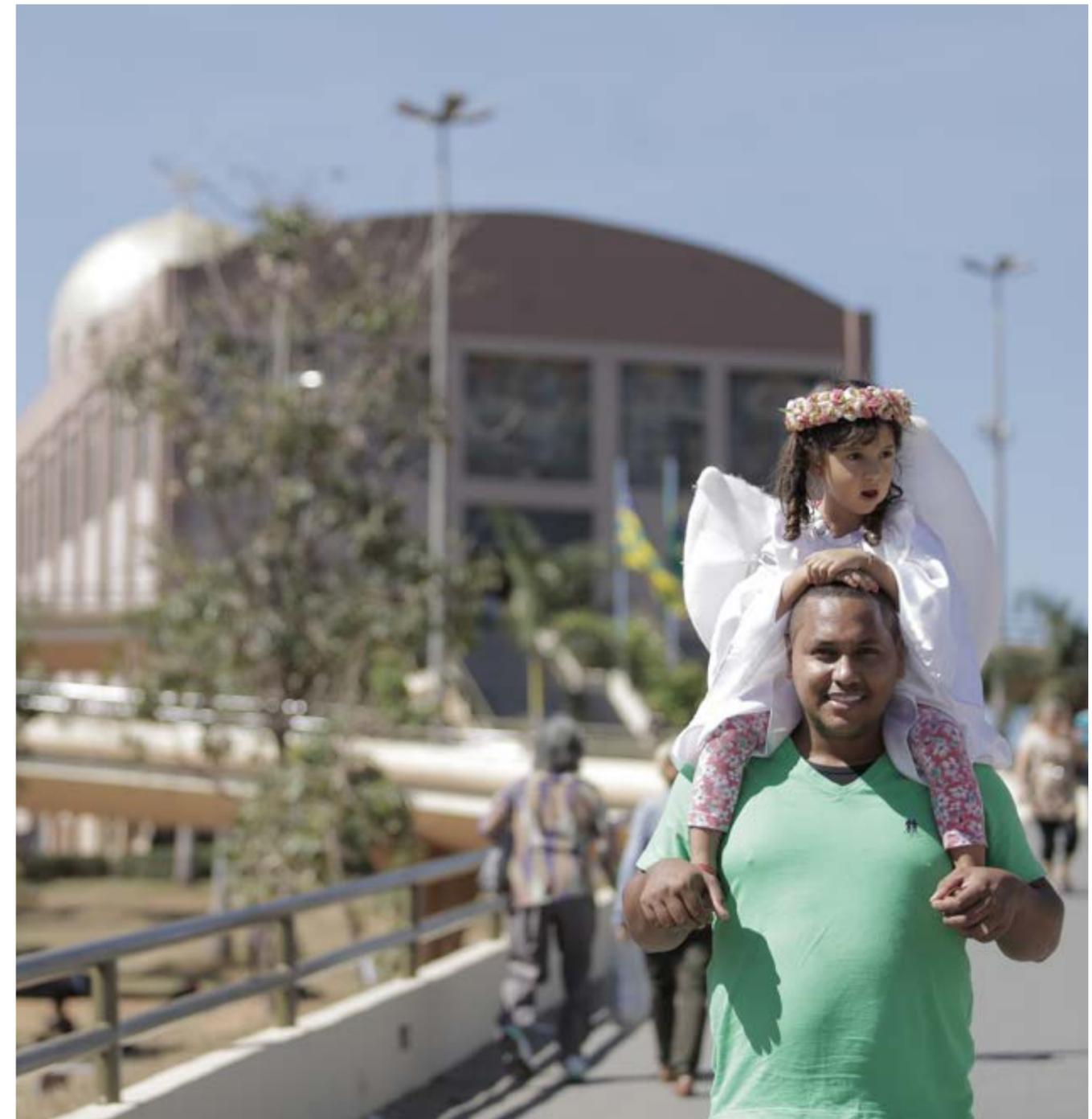
jurídica etc. Hoje, estamos próximos a quase 1 milhão de atendimentos.

162. Em nossa Igreja arquidiocesana, assim como em todas as dioceses do Brasil e do mundo, há imensa quantidade de obras sociais – escolas e universidades católicas, creches, hospitais, abrigos aos idosos etc – e um intenso trabalho de pastorais sociais com os migrantes, crianças, sem terra, sem teto, moradores de rua, encarcerados, dependentes químicos etc. Esse imenso trabalho social é subsidiário e colaborativo à responsabilidade do Estado. Mas é, principalmente, decorrente do seguimento a Cristo e do compromisso batismal, que nos interpela para uma Igreja com a face samaritana e para a caridade cristã, a serviço da vida e da esperança.

Cristo Rei, o triunfo do despojamento

163. Um último lembrete. Mesmo na festa litúrgica de Cristo Rei, a última antes do Advento, o período que antecede a celebração do Natal, a festa comemorativa da divinização da humanidade, na homenagem que apresentamos a Cristo nosso Rei, devemos lembrar que o nosso rei é um *diácono*, aquele que serve. “Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, **esvaziou-se a si mesmo**, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2, 6-7). Na tradição teológica o “esvaziamento” de si é para servir plenamente ao outro e para salvar toda a humanidade.

164. A inversão de nossas mentalidades, transformar o conceito de poder político e de autoridade, dar novo caráter à prática política – infelizmente tão maculada por corresponder, muitas vezes, a uma prática deletéria à cidadania e de bajulação aos poderosos – é algo que podemos compreender ao olharmos para a prática do Filho, que realiza a vontade do Pai. Não se trata simplesmente de uma indicação religiosa, sobrenatural: é opção profundamente humana para termos uma sociedade justa e sem conflitos. Palavras chave: compaixão, serviço, humanização. É o que Javé exigia também dos hebreus, lei que Jesus não veio abolir, mas dar-lhe pleno cumprimento (cf. Mt 5, 7).



A group of people are silhouetted against a dramatic sunset sky filled with golden, textured clouds. The scene is set outdoors, with several palm trees and tall streetlights visible. The people are standing in a line, looking towards the horizon where the sun is setting. The overall mood is contemplative and serene.

CAPÍTULO VIII
Ousamos dizer: Pai nosso

165 “Obedientes à palavra do Salvador e formados por seu divino ensinamento, ousamos dizer: ‘Pai nosso...’”. Ousadia, sim, mas algo a que temos direito, depois que, em Jesus Cristo, fomos adotados definitivamente ao Deus Pai. A ousadia torna-se um diálogo e um pedido ao Pai. Jesus nos ensina a chamar Deus de Abbá, de Pai, como ele mesmo chamava. Prova maior da “divinização” do homem? Essa é a invocação decisiva; todos os pedidos seguintes se originam dessa invocação: “Abbá, meu Pai querido, ouça-me!”. Jesus nos torna participantes de sua intimidade com o Pai e garante que somos membros da família de Deus. O Santo Padre Francisco, na audiência geral de 7 de junho de 2017, afirmou: “Todo o mistério da oração cristã se resume aqui, nessa palavra: ter coragem de chamar Deus com o nome de Pai. A liturgia também aponta para isso quando, nos convidando para a declamação comunitária da oração de Jesus, usa a expressão ‘ousamos dizer’”.

A oração do Pai Nosso

166. Como nasceu o Pai Nosso? Essa oração se integra na união amorosa que havia entre o Pai, no céu, e o Filho, presente em nosso mundo. É um corolário do diálogo divino entre o Pai e o Filho: Jesus dialoga com o Pai e nos insere no diálogo. “Um dia, Jesus estava rezando em certo lugar. Quando terminou, um dos discípulos pediu: ‘Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou os discípulos dele’. Jesus respondeu: ‘Quando vocês rezarem, digam: Pai, santificado seja teu nome. Venha o teu Reino. Dá-nos a cada dia o pão de amanhã, e perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todos aqueles que nos devem; e não nos deixes cair em tentação’” (Lc 11, 1-4).

167. No Evangelho de Mateus (6, 8-13), Jesus dá algumas indicações sobre a oração. Em primeiro lugar, não é necessário ser tagarelas, “como os pagãos”, pois “o Pai de vocês sabe do que é que vocês precisam, ainda antes que vocês façam o pedido”. E, então, para que rezar? Porque a oração é, antes de tudo, um diálogo de amor entre o pai e o filho. Para que muitas palavras? Entre eles, um olhar vale mais do que mil palavras, vale a intensidade do afeto. Por isso, poucas palavras. No Evangelho de Mateus, dois pedidos a mais: “Pai Nosso... seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu... livrai-nos do mal”.

Uma oração universal

168. O Pai Nosso não é uma oração individual endereçada ao “meu” Pai: é rezada em nome de todos, também dos que não rezam. Por isso, ‘Pai Nosso querido, Abbá’. Por sermos irmãos, temos consciência que, ao rezar o Pai Nosso, rezamos por todos os homens e mulheres do mundo. É oração “católica”, isto é, universal por excelência; quando a rezamos, representamos toda a humanidade diante do Pai, aquela humanidade à qual deve ser anunciada a Boa Nova do Reino de Deus, reino de paz e justiça. Aos discípulos é dada uma ordem: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia a toda a humanidade” (Mc 16, 15), porque “toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos” (Mt 28, 19), se tornem amigos e irmãos de Jesus.

Seja feita a vossa vontade

169. No Pai Nosso não há teodiceia – discussões e argumentações para demonstrar que Deus existe e o que ele faz -; não há uma propedêutica introdutória a doutrinas. Há um filho que se dirige ao Pai pedindo a instalação da vida familiar, o Reino anunciado por Jesus, e o pedido para que a vida dos filhos seja protegida. Além disso, pedimos força e coragem para acolher a todos, sendo misericordiosos como o Pai é misericordioso, Ele que não afasta o pecador por causa do pecado.

170. “Venha o Reino; seja feita a Vossa vontade”: esses eram os pedidos que Jesus fazia incessantemente. Os primeiros cristãos invocavam o Reino como algo que ia acontecer proximamente. O livro do Apocalipse (22, 20), encerra-se com um aviso: “Aquele que atesta essas coisas, diz: ‘Sim, venho muito em breve’. Amém”. E uma invocação: “Vem Senhor Jesus! *Maranathá*”. A vida se encarregou de apagar a expectativa da iminência do Reino, entendida como a aparição do Grande Juízo Final. E não é hora de esperar o fim do mundo, apesar das frequentes notícias e profecias apavorantes, para os crédulos, da chegada do *Armagedom*. É hora de esperar e

trabalhar para a edificação e o cuidado a *este* mundo em que vivemos, ameaçado pelaviolência, pela injustiça, pela destruição dos biomas brasileiros e do planeta terra. Há outra maneira de viver? “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18, 36), afirmou Jesus, diante de Pilatos; o dele não é o reino da maldade. E na verdade, o Reino do Pai abrange o céu e a terra, domina o infinito. Não esqueçamos o céu, mas temos o direito de querer um mundo novo também aqui, construído dia a dia, pelos filhos do Pai. Já dissemos: o projeto do paraíso terrestre exige a nossa colaboração. É uma herança que não podemos dilapidar; antes, frutificar, e agir como o servo bom da parábola que fez frutificar o talento recebido. Nós, filhos, temos mais motivações para que a herança do Pai produza frutos.

Pão nosso de cada dia...

171. Um pedido que não esperaríamos, por ser tão “caseiro” e imediato, é o pedido de “pão nosso de cada dia dai-nos hoje”. Sabemos que Jesus se preocupava com a fome do povo (veja o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes). Mas fazer com que essa preocupação se tornasse um pedido constante, a de saciar a fome, é algo que mostra um coração de verdadeiro irmão. Por isso, o pedido ao Pai que, como todo bom pai, não é insensível diante da fome dos filhos. “Será que alguém de vocês, que é pai, se o filho lhe pede um peixe, no lugar do peixe lhe dará uma cobra? Ou ainda, se pede um ovo, será que vai lhe dar um

escorpião? Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu” (Lc 11, 11-13).

172. Para que seja verdadeira a minha oração feita em nome do faminto, sei que antes devo fazer o que estiver ao meu alcance para aplacar a fome daquele meu irmão. É engano rezar em comum, se antes não colocamos em comum o pão. O pedido do pão deve traduzir-se na aprendizagem de que precisamos merecer o pão de cada dia, a não negá-lo e tirá-lo dos outros, a não acumulá-lo, a doá-lo na mesma proporção com que o recebemos; a realizar um mundo em que haja pão para todos. Um novo mundo!

173. Nos dias de hoje, o pedido do pão de cada dia é uma das invocações que mais se elevam ao céu pelas mães e pelos pais que veem seus filhos definhar e morrer de fome. Por isso, esta invocação do Pai Nosso é uma das mais sérias de toda oração cristã. É oração dirigida a Deus em nome da humanidade sofredora. São milhões de brasileiros e bilhões de habitantes do planeta terra que passam fome e não tem as condições mínimas de acesso à água potável, à educação, à saúde, à moradia. O pão que sacia a fome, o pão dos bens culturais e o pão que evangeliza e alimenta para a eternidade ainda alcançam apenas uma pequena parcela da humanidade. “Pai nosso... o pão nosso de cada dia, nos daí hoje!



CAPÍTULO IX

Pai no céu, Pai na terra



174. Se a Santíssima Trindade é, para nós humanos, o ideal máximo do que pode e deve ser a família, nada melhor do que olhar para esse “mistério” para encarnar em nossa vida um dom que vem do amor. Só podemos entender a nossa vida – melhor, contemplar, isto é, mergulhar no mistério – depois de ter contemplado aquele “mistério”.

175. Ser pai e mãe não é simplesmente serem atores numa representação a que fomos chamados e instrumentos para a perpetuação da vida. Na família, como na Trindade, a razão de existir é a doação do seu próprio ser a outro/a, num amor que frutifica e gera uma terceira pessoa. Cada um com sua característica e função, no respeito à individualidade, ao mesmo tempo em que se torna uma unidade que não pode prescindir de uma das pessoas, sem desfazer a natureza profunda e verdadeira da “família”.

O amor na família

176. Na família, o amor carnal (mas existe *verdadeiro amor* que seja só carnal?) é também sinal do amor de Deus. A nossa humanidade expressa a espiritualidade através do corpo. A divindade para se expressar e ser entendida pela humanidade se “encarnou”. Na família humana, na qual encontramos o ícone da família divina, a sexualidade torna o homem/mulher imagem de Deus, capaz de amor gerador de vida. O papa Francisco, na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, dedica dois grandes capítulos (IV e V) sobre o amor. O amor na família deve ser construído e vivido com a paciência, as atitudes de serviço que superam a inveja, a arrogância e o orgulho, que desenvolvem um relacionamento de amabilidade, desprendimento e afabilidade, que perdoam, desculpam, confiam, esperam e suportam. Na família, é possível viver a caridade conjugal, a inclusão da diversidade de membros e experimentar a graça da fecundidade que acolhe novas vidas.

177. Quem tem uma experiência positiva do pai, de sua ternura e preocupação para com o filho, poderá entender o que é o amor de Deus conosco. Se a figura do pai é a do pai carrasco ou indiferente, como explicar que Deus é Pai que ama? “Ambos, homem e mulher, pai e mãe, são ‘cooperadores do amor de Deus criador e como que os seus

intérpretes. Mostram aos seus filhos o rosto materno e o rosto paterno do Senhor. Além disso, é juntos que ensinam o valor da reciprocidade, do encontro entre seres diferentes, onde cada um contribui com a sua própria identidade e sabe também receber do outro. Se, por alguma razão inevitável, falta um dos dois, é importante procurar alguma maneira de compensá-lo, para favorecer o adequado amadurecimento do filho” (*Amoris Laetitia*, 172).

178. O papa Francisco, na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, adverte que “o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros” (n. 2), já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Ao considerar a família, hoje, nota que “a família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos” (n. 66). Infelizmente é pouca a responsabilidade familiar e sexual.

Um tempo da história sem pai?

179. Nosso tempo, marcado pela indiferença e pela contradição, foi definido como “uma estação sem pai”. Tornou-se quase um lugar comum dizer que a sociedade inteira está privada de pai; “o pai partiu, foi embora...” é um refrão que se ouve com frequência nos nossos dias. Para dizer a verdade, os pais não foram embora. Aliás, estão presente com toda a sua pessoa; apenas que essa presença se limita a uma presença física. É a função paterna - ou a dimensão simbólica típica da paternidade humana -que desapareceu. Alguns dizem que a imagem paterna se tornou incerta, que atualmente não existem mais “pais”, que vivemos numa sociedade “órfã”. A rejeição do pai parece impor-se não só como legítima, mas até como uma escolha obrigatória devido às tantas distorções da figura paterna ocorridas no passado:

paternalismo, patriarcalismo, autoritarismo. Entretanto, se encontra em todas as culturas uma **invocação** de transcendência e, portanto, de uma paternidade que vá além do mero horizonte humano e terreno. Desta paternidade o coração humano tem necessidade, sedento de um ventre que envolva, guarde e gere incansavelmente à vida. “Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta” (Jo 14,8). Esta “invocação” Jesus ouviu da boca de seus discípulos: Ele respondeu ensinando-lhes o “Pai Nosso”, que – principalmente nos seus primeiros pedidos – sugere e propõe sentimentos e atitudes de fé, destinados a criar e a viver a relação filial que deve animar o relacionamento entre homem-filho e o nosso Deus que é Pai.

180. Quais as tarefas paternas? Em primeiro lugar, diziasse, prover os meios de subsistência da família. E muitos achavam que, uma vez preenchido o prato, não tinham outras obrigações e estavam livres para tudo o que aparecesse. Ainda bem que os tempos mudaram: também as mulheres, hoje, se sentem partícipes da sociedade. Bem-vinda sua presença no mundo cotidiano da sociedade e não apenas no mundo restrito da casa. Entretanto, não esqueçamos a falta que faz na educação dos filhos, tão fundamental para o equilíbrio deles. Mas essa é obrigação somente das mães? E os pais, podem se retrair e desaparecer sem colaborar no crescimento físico, intelectual e espiritual dos filhos?

181. A volta para a casa, depois de um dia de trabalho, tanto para o homem quanto para a mulher, deveria ser o retorno à fonte do sequioso. É lá, na casa/família, no silêncio do lar, que todas as conquistas profissionais e a realização humana, enquanto colaboração na construção da sociedade, encontram, no amor doado e recebido, uma interiorização que faz reencontrar o que é essencial ao homem e à mulher, imagem e semelhança de Deus.

Imagem de Deus, presença do pai

182. Na Bíblia e em toda a tradição religiosa cultural do cristianismo ocidental, na qual fomos educados, a imagem de Deus é sempre a imagem masculina. Mais ainda, o Pai é apresentado como o ancião de cabelos brancos e de barba, representação perfeita do patriarca de tempos atrás. Mas

na Bíblia, Deus não se apresenta como pai-patrão: é pai que sustenta e mãe que acolhe.

A presença paterna na família

183. Mesmo mudando a nossa cultura e a visão tradicional a respeito da família, a figura paterna continua importante para o amadurecimento do filho. Não mais o patriarca provedor de comida, mas um eixo fundamental na dualidade familiar, que se tornará trindade. Elemento fundamental também na socialização da pessoa que, desde criança, encontra na mini sociedade familiar elementos e exemplos a serem seguidos, incentivos para a convivência social e, por que não, consciência também dos limites para uma harmonia social. Sobretudo, na harmonia da família, o filho, fruto do amor, poderá ver a beleza ínsita numa relação de amor, poderá admirar a beleza da sexualidade, amor gerador. No amor e preocupação dos pais poderá captar o cuidado de Deus para conosco, seus filhos.

184. Por tudo isso, o maior presente que um pai pode oferecer ao filho é sua presença. “Estamos vivendo em época de atordoamento, desorientação, de dissipação. Tem-se a pretensão de saber o que é a felicidade, que confunde com o bem-estar material e o coloca como o objetivo único da vida em sociedade”. Mesmo melhorias econômicas, sempre bem-vindas quando elevam o nível de vida, diminuem a pobreza, eliminam a miséria, são vistas quase unicamente como instrumentos para a acumulação material. A felicidade, onde está? Talvez uma semente de felicidade seja a presença do pai que sabe dialogar com o filho, que brinca, conta histórias. . É bem-vinda a rejeição ao patriarcalismo, ao autoritarismo, ao paternalismo e ao machismo; porém, deletéria é a ausência do pai, o apagar-se de toda a dimensão simbólica que o pai representa para o filho.

185. A sociedade de consumo se esforça em substituir a presença do pai por brinquedos e presentes, procura gerar uma artificial presença substitutiva. É a solução para o problema da ausência? “Filhinhos, cuidado com os ídolos”, adverte-nos a Primeira Carta de São João” (5, 21). Como não se pode substituir o projeto de vida e liberdade que Deus realizou em Jesus Cristo – como admoesta São João – não

podemos substituir, na família, o pai – elo firme do amor – com coisas, por mais caras que sejam.

Experimentar o amor de Deus Pai

186. Para alguém experimentar a oração do Pai Nosso em toda a sua profundidade, precisaria ter experimentado com intensidade o amor do pai terreno, ou pelo menos de uma figura paterna que tenha suprido a ausência do pai. E o pai que reza o Pai Nosso, poderá rezar “de coração” depois de ter encarnado a paternidade divina em sua família. A experiência da filiação e da paternidade é elemento essencial ao pronunciar as palavras “Pai Nosso” com todos os sentimentos e carinho que desperta.

187. O papa Bento XVI, na catequese sobre a paternidade de Deus, nos diz: “A comunicação às vezes se torna difícil, a confiança é perdida e a relação com a figura paterna pode se tornar emblemática; e problemático se torna, assim, imaginar Deus como um pai, não tendo modelos adequados de referência. Para quem teve a experiência de um pai autoritário e inflexível demais, ou indiferente e pouco afetuoso, ou até mesmo ausente, não é fácil pensar com serenidade em Deus como Pai e abandonar-se a Ele com confiança”.

188. Quem não fez essa experiência, poderá sempre, entretanto, com profunda nostalgia de algo que não viveu, mas que lhe é proposto por Jesus Cristo ao falar do Pai, invocar o Pai Nosso e construir em si a certeza que há sempre Alguém que, do céu, nos ama. “Não faz bem a ninguém perder a consciência de ser filho. Em cada pessoa, ‘mesmo quando se torna adulta ou idosa, quando passa também a ser progenitora ou desempenha funções de responsabilidade, por baixo de tudo isso permanece a identidade de filho. Todos somos filhos. E isto recorda-nos sempre que a vida não no-la demos sozinhos, mas recebemo-la. O grande dom da vida é o primeiro presente que recebemos’” (Amoris Laetitia, 188).

189. Concluindo. A utopia do Pai Nosso, paternidade radical divina, que envia o Filho, o supremo presente encarnado na humanidade, incentivando a radicalidade da paternidade conforme a carne. É o desafio para que os pais assumam a paternidade no dia a dia. Não é mensagem e problema apenas da Igreja Católica ou de qualquer instituição religiosa: é problema de vida. É dar um sentido à vida e solução a tantos problemas. Por isso, não deixa de ser uma questão de fé, por estar profunda e totalmente ligada ao mistério da vida.



CAPÍTULO X

A paternidade de Deus
no testemunho de Santos
de nosso tempo





190. Os séculos XX e XXI conheceram e ficaram enormemente impressionados com as figuras de alguns santos, nossos contemporâneos. Não posso deixar de fazer uma referência aos dois santos canonizados há poucos anos – João XXIII e João Paulo II –, e a Santa Tereza de Calcutá, pela sua profunda relação espiritual estabelecida com Deus Pai.

São João XXIII

191. Ângelo Roncalli, São João XXIII, foi justamente definido “o Papa do Pai Nosso”, pelo seu total abandonar-se a Deus Pai, por quem se deixava conduzir, como nos revelam as páginas do seu “Diário da alma”. Escreveu, por exemplo: “Desculpem-me se digo pouco: sentir-nos filhos de Deus! Esta segurança, que com frequência está no coração sem que nós nos demos conta, é a fonte inexaurível da nossa alegria, é a base mais sólida da verdadeira devoção” (n.767).

192. E em 1957, depois de um retiro espiritual, assim João XXIII orou e refletiu: “Ó Senhor, estamos na véspera [do meu encontro contigo], setenta e seis anos correntes. Grande dom do Pai celeste é a vida. Esta idade – que também é um grande dom do Senhor – deve ser pra mim motivo de silenciosa alegria interior e de um cotidiano abandono no próprio Senhor, como uma criança nos braços abertos do pai” (n.897).

São João Paulo II

193. São João Paulo II, em sua mensagem para o dia mundial da paz, em 1999, ano do Pai, na programação do triênio jubilar rumo ao novo milênio, escreveu: “Jesus ensinou-nos a chamar a Deus com o nome de Pai, *Abba*, revelando-nos assim a profundidade da nossa relação com Ele. Infinito e eterno é o seu amor por cada pessoa e por toda a humanidade. A este propósito, são eloquentes as seguintes palavras de Deus, do livro do profeta Isaías: ‘Acaso pode uma mulher esquecer-se do menino que amamenta, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu te tatuei nas palmas das minhas mãos’ (49, 15-

16). Aceitemos o convite para partilhar este amor! Nele, está o segredo do respeito dos direitos de toda a mulher e de todo o homem. Assim, o alvorecer do novo milênio encontrar-nos-á mais decididos a construirmos juntos a paz” (Osservatore Romano).

Santa Teresa de Calcutá

194. Numa coletânea dos pensamentos, orações e fatos da vida de Madre Teresa, encontramos uma narrativa muito interessante e profunda desse “anjo evangélico da caridade”. “Uma noite [conta-nos Madre Teresa de Calcutá] saímos e recuperamos quatro pessoas pelas estradas, uma delas em condições desesperadas. Disse às irmãs: ocupai-vos dos outros. Eu me ocuparei desta mulher que é a mais maltratada. Fiz por ela tudo o que me consentia o meu amor. Deitei-a na cama, vi um sorriso radiante iluminar-lhe os olhos. Apartou-me a sua mão e conseguiu apenas pronunciar uma palavra: “Muito obrigado”. E assim fechou os olhos. Não pude deixar ao menos de me perguntar, ali, ao lado de seu cadáver, que coisa teria feito eu se estivesse no seu lugar. A resposta era simplesmente: teria dito que estava com fome, que estava morrendo, que estava com frio, teria dito que esta ou outra parte do meu corpo me fazia mal, ou outra coisa desse tipo. Ela, porém, me deu muito mais: me doou o seu amor agradecido e morreu com um sorriso nos lábios”. (Madre Teresa de Calcutá, *Nel Cuore del mondo*, Rizzoli, 1998). Este é um dos tantos episódios de caridade, em que o amor faz abrir o coração de gente envilecida, embrutecida pela abandono e pelo desespero, ao sentido da gratidão. É este sentido de “gratidão” que qualifica um homem ou uma mulher na sua nobreza de filho de Deus.

195. “A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade” (Laudato Si’, n. 216). Essa grandiosa e profunda espiritualidade, vivida e testemunhada por incontável multidão de cristãos, que alcançaram a eternidade e a glória dos altares, corresponde a vidas que tiveram um itinerário de fiel, filial e confiante entrega ao Pai, fazendo a Sua vontade. Sejam, para nós, um exemplo inspirador de vida!

CAPÍTULO XI

Somos filhos do Pai Eterno



196. São Paulo, em dois textos realmente sugestivos, fala da relação que os cristãos devem nutrir com Deus na qualidade de pai. O primeiro diz: “E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama Abbá, Pai! De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus” (Gal 4, 6-7).

197. O outro texto paulino diz: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abbá, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados”. (Rm 8, 14-17).

198. Paulo, nesses dois textos, desenvolve três importantes perspectivas de compreensão sobre a paternidade de Deus. A primeira é que o discípulo de Jesus pode chamar Deus de Abbá porque é realmente filho, Deus verdadeiramente pai de todo crente, enquanto ele nos conquistou por meio do sangue do seu Filho e, portanto, nos adotou por amor e nos tornou seus filhos (1 Jo 3,1). Dirá justamente o teólogo M.J. Scheeben: “ Deus imprime no homem a imagem do próprio Filho para torná-lo partícipe da própria natureza, pela qual se pode

dizer que Deus gera de novo o seu Filho no homem”.

A ação do Espírito

199. A segunda ideia de Paulo diz respeito à ação do Espírito Santo na vida do cristão. O Cristão se torna filho mediante o Espírito do Filho que Deus mandou aos nossos corações (Gal 4,6). O grande dom de Deus ao discípulo, então, não se relaciona apenas com o fato de que somos irmãos de Jesus e filhos do mesmo Pai, mas que temos em nós a presença do Espírito de Cristo, que nos guia e nos ilumina no caminho de fé. Ao crente cabe só se deixar conduzir, sem por obstáculos à ação interior e gratuita de Deus.

200. A terceira ideia de Paulo é que o cristão guiado pelo Espírito se torna semelhante ao Filho, faz sua a mesma oração que Jesus, no Espírito, elevava ao Pai. É o Espírito, de fato, que introduz o discípulo na intimidade e na comunhão que o próprio Cristo tem com o Pai, que o impele à oração confiante e confidente com Deus-Abbá, permitindo-o rezar com os mesmos sentimentos e com a alma de Jesus, e o torna consciente na fé da sua filiação. Assim exprimia São Bernardo esta grande realidade: “Quem de vós já não sentiu alguma vez, no segredo da sua alma, o Espírito do Filho exclamar: Abbá, Pai? (Gal 4,6). Desta experiência o cristão compreende-se que é amado com amor paterno porque é animado pelo mesmo Espírito do Filho[...]”.



CAPÍTULO XII

Em Trindade



201. Na Bíblia, os profetas dirigem convites ao povo para que participe da alegria que é a vinda do Senhor, o Messias salvador. O profeta Zacarias grita: “Exulte de alegria, cidade de Sião! Grite de alegria, filha de Jerusalém! Agora o seu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num jumentinho...” (Zc 9, 9). E ouvimos o tocante convite do profeta Sofonias, mostrando o próprio Deus, centro irradiante de festa e de alegria, que comunica ao seu povo este júbilo salvífico: “O Senhor, o seu Deus, o valente libertador, está no meio de vocês. Por causa de você ele está contente e alegre e renova o seu amor por você; está dançando de alegria por sua causa, como em dias de festa” (Sf 3, 17).

202. Quem nos chama para a festa é o rei “justo e vitorioso”. Um rei diferente: “vem montado num jumento, num jumentinho”, não num garboso cavalo de batalha, como os outros soberanos. Ele é um rei diferente: “É pobre”, diz o profeta, e se identifica com a maioria dos homens que, assim, tem condições de acolher a mensagem do Reino. Vive a nossa vida do dia a dia: é rei, mas é conhecido como “o carpinteiro, o filho de Maria” (Mc 6, 3). As autoridades dos judeus criticam e estranham as suas palavras; afinal, “esse Jesus não é o filho de José? Nós conhecemos o pai e a mãe dele” (Jo 6, 41). Vive conosco a alegria que podemos encontrar nas pequenas coisas da vida quotidiana: “Meu filho, trate-se bem na medida do possível... Não se prive de um dia feliz, nem deixe escapar um desejo legítimo” (Sir 14, 11.14). “Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás destas palavras!”, diz o papa Francisco que cita os profetas para, em sua mensagem, nos lembrar que a Boa Nova é anúncio de alegria.

Chegamos...

203. Respondendo ao convite, chegamos ao sentido do Santuário-Basilica de Trindade e meditamos sobre a Santíssima Trindade, contagiados pela alegria que nos proporciona o encontro com o Divino Pai Eterno. Jesus Cristo nos acompanha na romaria, como acompanhava os dois discípulos que iam para Emaús e que, mesmo

não reconhecendo o companheiro de viagem, “sentiam o coração ardendo enquanto ele falava pelo caminho” (Lc 24, 32). Em nosso caminho rumo a Trindade, Ele, companheiro no caminho da vida, também fala do Pai e nos acompanha até a casa paterna. Aqui estamos e somos Igreja, povo de Deus a caminho.

204. Filhos pródigos que voltam para a casa do Pai, envergonhados por tantas loucuras cometidas? Talvez, mas não é por isso que não podemos esperar o perdão, o abraço e a alegria do reencontro com Deus Pai. “Não há motivo para alguém pensar que este convite não lhe diz respeito, já que ‘da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído’. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada... Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere”, afirma o papa Francisco.

Para a viagem de volta

205. Querido irmão, querida irmã! Ao começar uma romaria, pessoas cuidadosas providenciam um farnel com provisões para a jornada. Antes de terminar, então, desejo lhe recomendar duas mensagens que podem alimentar o nosso espírito de romaria, rumo à casa do Pai. A primeira mensagem a dirijo para os sacerdotes. A festa do Pai Eterno é especialmente a nossa festa enquanto pessoas revestidas pelo Sacramento da Ordem, porque solicitude nós padres uma redescoberta da graça de nossa paternidade espiritual e sacerdotal. Façamos sentir a todos a doçura da nossa paternidade presbiteral. Se a fadiga do trabalho pastoral nos espanta, busquemos força e consolação ao pensarmos que o trabalho “na obra do Senhor não é em vão” (1 Cor 15, 58).

206. A segunda mensagem dedico para todos os filhos e filhas do Divino Pai Eterno: redescubramos a graça da filiação divina, vértice da salvação cristã. Sintamo-nos filhos e filhas afetuosos e ternos de Deus Pai. Enxergando

os que encontrarmos ao longo do caminho da vida com os olhos de Deus, os veremos como irmãos que devemos amar sempre e em plenitude. Tudo nos parecerá diferente, quando aprendermos a ver cada homem e cada mulher com os olhos do Pai.

Igreja, povo de Deus a caminho

207. A Igreja é o povo de Deus a caminho. A Romaria do Divino Pai Eterno vem nos ensinar que somos este povo e nos estimula a praticar, com novo fervor, as muitas virtudes que deve possuir um povo de peregrinos, rumo à casa do Pai:

- a “pressa” que impõe o zelo missionário;
- a paciência na espera dos mais vagarosos para todos seguirem juntos;
- a humildade e a sabedoria para parar e descansar na hora certa;
- o sentido de companheirismo, pois todos comungamos do mesmo pão;
- a disponibilidade para socorrer quem precisa de apoio;
- a solidária cooperação nas fadigas e na dor das eventuais quedas e feridas, ao longo da romaria.

208. A nossa bandeira de romeiros a ser desfraldada é a esperança. O Concílio Vaticano II afirma: “Assim a Igreja, a única grei de Deus, como um sinal levantado entre as nações, oferecendo o Evangelho da paz a todo o gênero humano, peregrina na esperança, rumo à meta da pátria celeste” (UR n.2). A festa do Divino Pai Eterno nos anima a colocar diante dos nossos olhos a figura do Pai que preside a inteira história da salvação. O doce nome de Pai, que Jesus adotou sempre que se referia a Deus, já consolava o povo da antiga Aliança. O Povo de Deus inteiro, em romaria, se sente filho de um Pai terno, cujo amor se revela sobretudo na preocupação com a fraqueza de muitos, os mais pobres, os mais expostos aos riscos da vida. “Pai dos órfãos, protetor das viúvas, assim é Deus em sua morada

santa. Deus dá aos marginalizados uma casa, liberta os cativos e os enriquece” (Sl 68, 6).

209. Todos juntos fazemos a grande peregrinação, a romaria do contínuo regresso à casa do Pai. Esta volta se realiza no seio da Igreja pela conversão, que leva a celebrar com renovada alegria interior o sacramento da Reconciliação com Deus, Pai misericordioso, e pela Eucaristia, meio que nos leva ao Pai. Jesus garante aos discípulos: “É o meu Pai quem dá para vocês o verdadeiro pão que vem do céu, porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá a vida ao mundo” (Jo 6, 32-33). Acolhendo esse pão, acolhemos a Trindade, pois, garante Jesus: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14, 11) e, portanto, quem recebe o Filho recebe o Pai.

210. A romaria é uma ocasião propícia de extraordinário perdão, comparável a um misterioso rio de graças que jorra do lado ferido do Crucificado e restaura nossas vidas, pelas mãos da Igreja. Quando encerramos a romaria que nos leva até Trindade, à Basílica- Santuário do Divino Pai Eterno, podemos fazer o sinal da Cruz, recitar o *Glória ao Pai*, nos dirigir com total confiança a Deus dizendo “Pai Nosso”, com sempre maior consciência do quem somos filhos. E nos alegrar pelo amor e misericórdia do Pai, “que nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo... e nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo”; adoção divina para que “sejamos santos e sem defeitos diante dele, no amor”. Repetindo: o único modo de nos realizarmos na vida e encontrar paz: “ser santos e sem defeitos diante dele, no amor... Conforme a benevolência de sua bondade” (Ef 1, 4-5).

211. O projeto de um “paraíso terrestre” não foi cancelado, enquanto esperamos o paraíso celeste. É a utopia que pode se tornar realidade se os filhos voltarem à casa do Pai, que espera ansioso para iniciar a festa. A Romaria é caminho de volta para a casa do Pai, e etapa do caminho para a morada definitiva com Ele.

CAPÍTULO XIII

Maria, amor materno
de Deus Pai

Amor materno
de Deus Pai

Amor materno
de Deus Pai



212. Na imagem encontrada durante a roçagem do pasto, em 1840, está representada a coroação de Nossa Senhora pela Trindade Santa. É a glória de Maria, a simples mulher de Nazaré escolhida para ser a mãe de Deus. Ao pé da cruz em que agonizava o Filho que morria para revelar o amor de Deus para com os homens, Maria, mãe, aqui na terra, do “Primogênito, anterior a qualquer criatura” (Cl 1, 15) é designada mãe da humanidade. “Jesus viu a mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava. Então disse à mãe: ‘Mulher, eis aí o seu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí a sua mãe” (Jo 19, 26-27).

213. “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza” (Laudato si’, n. 241).

214. Em Maria, podemos enxergar o ícone do amor

materno de Deus, Pai rico em misericórdia. “Salve Rainha, mãe de misericórdia...” reza o povo cristão, que sempre se dirigiu a Maria com a ilimitada confiança de chegar até o Pai, conduzidos por sua mão auxiliadora. Estando sob a sua maternal proteção, como não olhar para o futuro levando a esperança de tempos melhores? “À vossa proteção recorreremos, santa Mãe de Deus...”. “Que ela nos mostre o fruto bendito de seu ventre e nos ensine a responder como fez ela no mistério da anunciação e encarnação. Que nos ensine a sair de nós mesmos no caminho de sacrifício, de amor e serviço, como fez na visita à sua prima Isabel, para que, peregrinos a caminho, cantemos as maravilhas que Deus tem feito em nós, conforme a sua promessa” (Documento de Aparecida, n. 553).

Com o olhar voltado para esta “Mãe de Misericórdia”, desejo encerrar esta minha carta pastoral. Maria, Nossa Senhora Auxiliadora, filha predileta do Pai, assina comigo esta carta.

“Leve-nos todos juntos ao coração do Pai, ó fonte do amor”.

Trindade, 2 de julho de 2017

Dom Washington Cruz
Arcebispo Metropolitano de Goiânia



